

QUEBRANDO O SILÊNCIO

www.quebrandoosilencio.com.br



GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Fatores que elevam
a incidência da
gestação juvenil

Pornografia

*A triste realidade
por trás da ilusão*

EXPLORAÇÃO SEXUAL

Proteja seus
filhos contra
essa prática
ilegal



Vício destrutivo

A pornografia alimenta uma indústria de quase cem bilhões de dólares

A campanha Quebrando o Silêncio é uma voz de alerta à sociedade e à família, contra o abuso e a violência. A integridade física, emocional e moral são indispensáveis para a dignidade humana. Abuso e violência não combinam com uma sociedade justa, evoluída e civilizada.

Nosso desejo é que a revista não apenas apresente a realidade, mas, acima de tudo, indique soluções. Pais, educadores, autoridades civis e religiosas e pessoas de bem precisam ser impelidos a combater todas as formas de abuso para interromper o ciclo pernicioso da violência.

Nesta edição, chamamos sua atenção para um mal que vem destruindo pessoas e famílias inteiras, contaminando nossa sociedade: a pornografia.

Segundo um dicionário, pornografia se refere a tudo o que se relaciona à devassidão sexual; obscenidade, licenciosidade; indecência.

Tudo isso está ao alcance de crianças e adultos, envolto

em diferentes embalagens, como revistas, filmes e milhares de páginas na internet e redes sociais, ao comando de apenas um CLIC.

Recentemente, uma amiga me contou que o filho dela, de apenas dez anos, ao entrar na internet para acompanhar os jogos de futebol do seu time do coração, se deparou com ofertas de sites pornográficos. Não existe lugar seguro!

Segundo um infográfico do site Publicidade Digital, quase 1/4 de tudo o que é pesquisado em sites de buscas tem alguma relação com pornografia. Mais de 40% dos internautas pesquisados dizem que assistem a um vídeo pornô, de quando em quando.

Anualmente, a indústria da pornografia movimentou rendimentos de quase cem bilhões. É maior do que o faturamento da Microsoft, Google, Amazon, eBay, Yahoo!, Apple, Netflix e EarthLink juntas.

Que contraste existe entre o mundo ideal e o real!

O paradoxo é percebido quando milhões que sonham com liberdade total para explorar os prazeres da vida, são os mesmos que se veem aprisionados pelas consequências emocionais, sociais e espirituais da corrente degradante da pornografia. E não é necessário ir longe para encontrar relacionamentos em crise, famílias desestruturadas, profissionais em decadência, por causa da ditadura do vício.

A Igreja Adventista convida você a alçar a voz para ajudar a construir uma sociedade verdadeiramente livre. É preciso quebrar o silêncio e alertar os pais, professores e autoridades para que protejam as crianças e os jovens. Está em nossas mãos a missão de formar adultos saudáveis para alcançar os mais altos e nobres ideais de vida.

WILIANE STEINER MARRONI
é diretora da campanha *Quebrando o Silêncio* na América do Sul



Sumário

2 Editorial

4 ENTREVISTA

Promotora de justiça fala sobre violência sexual contra crianças e adolescentes



6 MAPA DA VIOLÊNCIA

Os dados disponíveis impressionam, embora reflitam apenas parte dessa dolorosa realidade

8 A ILUSÃO DA PORNOGRAFIA

Os consumidores de pornografia têm parte da culpa pelas mazelas sofridas pelas pessoas envolvidas nesse mundo



13 E AGORA, O QUE FAZER?

É preocupante o elevado número de casos de gravidez precoce na América do Sul

16 CASA DOS HORRORES

A violência doméstica tem transformado o ambiente de muitas famílias em campo de batalha



24 A VIRGINDADE ESTÁ FORA DE MODA?

O que acontece quando o sexo é visto como a locomotiva da existência

20 DESTINO PERIGOSO

O turismo sexual é problema complexo, resultado da desigualdade social e da nossa herança de exploração

30 SINAIS QUE IDENTIFICAM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Confira a lista de sintomas, comuns especialmente em crianças e adolescentes

27 SEXO ORIGINAL

Quando desfrutada do jeito certo, a sexualidade humana pode ser uma fonte de felicidade



32 CAMINHO DA RECUPERAÇÃO

A jornada rumo à cura é longa e árdua, mas possível para quem tem fé



35 DISQUE-DENÚNCIA

Telefones e sites úteis para quem precisa de proteção e ajuda



Edição Especial • 2015

Editores: Rubens Lessa e Wendel Lima
Projeto gráfico: Eduardo Olszewski
Foto de Capa: Fotolia



Casa Publicadora Brasileira
Rodovia Estadual SP 127, km 106
Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP
Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900
Site: www.cpb.com.br
Atendimento ao cliente: sac@cpb.com.br
Redação: redcpb@cpb.com.br

Diretor-Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Marcos De Benedicto
Redator-Chefe Associado: Vanderlei Dorneles
Gerente de Produção: Reisner Martins
Gerente de Vendas: João Vicente Pereyra



Sinais dos Tempos é Marca Registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial de matérias deste periódico sem autorização por escrito da Editora.

Tiragem: 732.000 exemplares.

14957/31594

Violência sexual contra crianças e adolescentes

Promotora de justiça recomenda que todos os tipos de abuso sejam combatidos pelo poder público, pela comunidade e pela família

por Felipe Lemos

Turismo sexual é um tema que preocupa vários países e é motivo de alerta. Sobre esse assunto, conversamos com a Promotora de Justiça do Estado de São Paulo, Fabiana Rocha Paes, secretária executiva do Núcleo de Direitos Sociais de Sorocaba e Região. Fabiana é mestre em Direitos Humanos e Justiça Social pela Universidade de New South Wales, na Austrália, e doutoranda em Direito pela Universidade de Buenos Aires.



Em que consiste o turismo sexual e quais são suas consequências para nosso país?

O turismo sexual é uma forma de violência e de discriminação contra a mulher, principalmente quando envolve crianças ou adolescentes. Em muitos casos, atinge mais severamente as meninas e, com muita frequência, as que pertencem aos grupos mais vulneráveis e pobres. Portanto, trata-se de uma dupla forma de discriminação. Inicialmente, a menina é discriminada por ser mulher. Depois, pelo fato de ser pobre.

As estatísticas são assustadoras, pois, entre 2003 e 2005, um estudo da Unicef constatou mais de 1.500

denúncias de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes em todo o Brasil.

Qual é o segmento da sociedade mais exposto a esse tipo de exploração sexual?

No Fórum Social Mundial de Belém, em 2009, foram discutidos turismo sexual e tráfico de meninas e meninos, bem como de mulheres na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. A promessa de emprego em moeda forte, futuro melhor e escape da pobreza incentivavam meninas e mulheres a cruzar a fronteira em busca de um sonho, mas lamentavelmente acabavam vítimas de tráfico humano.

Uma das características mais evidentes nos dois casos é que os homens (beneficiários e importadores) pertencem a países considerados ricos e as mulheres são oriundas de países em desenvolvimento ou das camadas mais desfavorecidas e pobres.

Em casos de abuso contra crianças e adolescentes, o que se pode esperar das autoridades?

Na região em que trabalho, tive conhecimento de distintos atos de violência contra crianças e adolescentes e há notícias de envolvimento de meninas viciadas em crack com prostituição. Algumas até trabalhavam embaixo de pontilhões. Procuramos

requisitar diligências junto às autoridades policiais (militar e civil) e, quando temos conhecimento de quem são os familiares das meninas, mobilizamos toda a rede de atendimento para que intervenha na família: Creas, Cras, Conselho Tutelar e Comissão Municipal. Além disso, gosto de entrar em contato pessoal com a adolescente e seus familiares para obter informações e dar as orientações necessárias. Houve casos em que ingressamos com ação civil pública para internação e tratamento.

Como as autoridades de saúde e a comunidade devem agir para minimizar esse problema?

Embora o Brasil seja signatário da Convenção Sobre os Direitos da Criança – o que gera uma obrigação legal e o dever de prestação de contas por parte do Brasil aos seus cidadãos e perante a comunidade internacional –, nosso país precisa avançar muito em matéria de proteção à infância e juventude. Casos de estupro – inclusive os praticados por familiares ou parentes próximos, abusos, maus-tratos, como queimar criança com cigarro – são mais frequentes do que pensamos.

O Ministério Público do Estado de São Paulo vem realizando trabalho árduo, com ótimos resultados no combate à violência contra crianças e adolescentes. O que me parece importante é que essa luta deve envolver a comunidade, porque muitas vezes a informação chega tarde demais. Embora esteja prevista a notificação compulsória por parte das autoridades de saúde

em caso de violência sexual contra crianças e adolescentes, na prática essa informação não chega aos setores competentes. Os Conselhos Tutelares são importantes ferramentas. No entanto, os conselheiros precisam receber constante capacitação para haver eficácia em seus atos. O Disque 100 é um instrumento valioso e existe para denúncia de casos de maus-tratos e abusos.

A prevenção por meio de campanhas é um mecanismo interessante, e a educação de qualidade que debata temas como violência, desigualdades sociais e de gênero é indispensável.

Que medidas concretas os pais podem adotar para que os filhos não se tornem vulneráveis ao turismo sexual?

A família é a base da sociedade. Quando a família adoce, a sociedade se enfraquece também. Uma família amorosa, cuidadosa e bem

estruturada dificilmente terá problema de envolvimento de seus filhos com o turismo sexual. Os pais devem estar atentos ao comportamento dos filhos. Precisam analisar eventuais mudanças. O local em que as crianças e adolescentes devem estar é a escola. Os pais precisam propiciar aos filhos atividades extracurriculares, como artes, esportes e cultura.

Qual é o papel das igrejas no combate ao turismo sexual?

As igrejas têm um papel importantíssimo. Ajudam a fortalecer a família. O resgate dos valores morais e sociais é uma das funções da igreja. Uma família forte representa uma sociedade forte. Uma família mais forte, mais espiritualizada, mais próxima de sua comunidade, é uma família feliz. Portanto, muito provavelmente esteja livre do envolvimento com o turismo sexual e com a violência contra crianças e adolescentes. ■



Mapa da violência

Os dados sobre a violência contra crianças, mulheres e idosos estão muito abaixo daquilo que acontece na intimidade dos lares, nas ruas de pequenas e grandes cidades, em vilarejos e lugares ermos. Potencializada pela crescente agressividade humana e com a ajuda de modernos recursos tecnológicos, a ramificação da violência é tão grande que se torna quase impossível criar um mapa das ocorrên-

cias, tanto no Brasil quanto em qualquer outro lugar deste mundo cada vez mais inseguro. Além disso, deve-se levar em conta o silêncio das vítimas e a omissão das testemunhas.

Embora os números disponíveis reflitam só um pouco dessa dolorosa realidade, de acordo com a World Vision, os pesquisadores chegaram a importantes conclusões sobre a exploração sexual infantojuvenil:

1. ONDE ELA OCORRE?

Em todos os países, ricos e pobres.

Estudos revelam:

- Tailândia, Camboja, Índia e Brasil têm os mais altos índices de exploração sexual infantil.
- No México, mais de 16 mil menores estão envolvidos em prostituição.



2. QUAIS SÃO AS CLASSES MAIS VULNERÁVEIS?

Embora crianças de todas as classes socioeconômicas estejam em risco, as mais vulneráveis vivem em situações econômicas extremas. Crianças de rua são vulneráveis pelo fato de terem poucos recursos e pouco acesso aos meios de proteção. Crianças de países que passam por instabilidade são ainda mais vulneráveis se suas famílias enfrentam extrema pobreza.



3. AS CAUSAS DA EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTOJUVENIL SÃO DIVERSAS:

Crime organizado, corrupção, falta de cumprimento das leis, pornografia e promoção do turismo sexual através da internet, pobreza, desemprego, uso de álcool e drogas, analfabetismo.



Ilustrações: Alexandre Rocha

INFORMAÇÕES GERAIS:

- Cerca de 70% das mulheres sofrem algum tipo de violência no decorrer da vida.



- De acordo com dados do Banco Mundial, mulheres entre 15 e 44 anos correm mais risco de sofrer estupro e violência doméstica do que câncer, acidente de carro, guerra e malária.

- Estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS), realizado em 11 países, revelou que a porcentagem de mulheres submetidas à violência sexual por um parceiro varia de 6% no Japão a 59% na Etiópia.

- Na Austrália, no Canadá, em Israel, na África do Sul e nos Estados Unidos, 40 a 70% das mulheres vítimas de homicídio foram mortas pelos parceiros, de acordo com a OMS.



PANORAMA BRASILEIRO

▶ De acordo com o Instituto Sangari (agosto de 2012), 91% dos homens declararam que “bater em mulher é errado em qualquer situação”.



▶ O medo continua sendo a razão principal (68%) para evitar a denúncia dos agressores. Em 66% dos casos, os responsáveis pelas agressões foram os maridos ou companheiros.



▶ Cerca de 40 mil crianças e adolescentes foram atendidos em 2011 pelo SUS, vítimas de violência doméstica, sexual e outros tipos de violência. De cada três casos, dois ocorreram no domicílio das vítimas.



▶ Anualmente, segundo a Unicef, 12% dos 55,6 milhões de crianças abaixo de 14 anos são vítimas de alguma forma de violência doméstica. Ou seja, por ano, são 6,6 milhões de crianças agredidas.

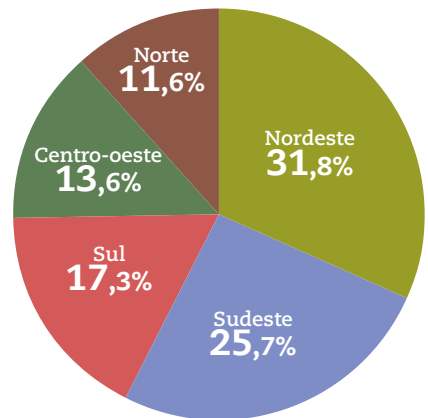
▶ Seis em cada dez brasileiros conhecem alguma mulher que foi vítima de violência doméstica. Machismo (46%) e alcoolismo (31%) são apontados como principais fatores que contribuem para a violência.



“O perfil das mulheres e meninas exploradas sexualmente aponta para a exclusão social desse grupo. A maioria é de afrodescendentes e vem de classes populares.”

Karina Figueiredo, secretária técnica do Cecria

▶ Distribuição dos municípios com práticas de exploração sexual infantojuvenil por região:



Fonte: Renata Baars em Levantamento sobre Crianças em Situações de Risco no Brasil (2009), p. 13

■ Calcula-se que, em todo o mundo, uma em cada cinco mulheres se tornará vítima de estupro ou tentativa de estupro no decorrer da vida.



■ Estima-se que mais de 130 milhões de meninas e mulheres que estão vivas hoje foram submetidas à Excisão/Mutilação Genital Feminina (E/MGF), sobretudo na África e em alguns países do Oriente Médio.

■ Entre 500 mil e 2 milhões de pessoas são traficadas anualmente em situações que incluem prostituição, mão de obra forçada, escravidão ou servidão. Mulheres e meninas respondem por cerca de 80% das vítimas detectadas.



■ Somente nos Estados Unidos, o custo da violência doméstica entre casais ultrapassa 5,8 bilhões de dólares por ano; 4,1 bilhões de dólares em serviços médicos e cuidados de saúde, enquanto a perda de produtividade totaliza quase 1,8 milhão de dólares.



A ilusão da pornografia

*A indústria do sexo ajuda a degradar
o ser humano e estimula a violência*

Aex-atriz pornô Shelley Lubben, em seu livro *Truth Behind the Fantasy of Porn* (A Verdade por Trás da Fantasia da Pornografia), afirma que a pornografia é “a maior ilusão do mundo”. Segundo ela, muitas mulheres desse universo fazem uso de drogas e bebidas alcoólicas para poder fingir que gostam do que fazem. Embora a indústria do sexo tente pintar outra realidade, Shelley revela que “as mulheres têm uma dor indizível por ser espancadas, cuspidas e xingadas. [...] Pornografia é nada mais do que sexo falso, contusões e mentiras em vídeo. Confie em mim, eu sei”.

No livro, Shelley traz testemunhos de outras ex-atrizes, como o de Michelle Avanti, que em sua primeira cena tentou desistir: “Um ator disse que eu não poderia voltar atrás porque havia assinado um contrato”, disse Michelle. “Fui ameaçada de que, se não fizesse a cena, seria processada em uma enorme quantia em dinheiro. Acabei tomando doses de vodca para fazer a cena. Como eu fazia mais e mais cenas, abusei da prescrição de pílulas que me eram dadas a qualquer momento por diversos médicos em San Fernando Valley.”

Shelley diz que muitas mulheres acabam nesse mundo por culpa da extrema erotização da sociedade. “Onde mais poderia uma criança que foi hipersexualizada ter tanta atenção? Os olheiros da pornografia ficam à espreita por anos, pesquisando os perfis *online* e persuadindo as desavisadas fêmeas sexualizadas. Fingindo ser adolescentes ou admiradores do sexo masculino, postam palavras lisonjeiras [...] e as adolescentes emocionalmente carentes rapidamente caem na armadilha.”

Jennifer Case é outra atriz que deixou a indústria do sexo, segundo ela, “pela graça de Deus”. Hoje ela também milita contra a pornografia e diz aos homens: “Há uma pessoa real do outro lado das imagens que você está vendo, e você está destruindo a vida dela e a vida dos filhos dela.” Numa entrevista para o site *The Porn Effect*, Case testemunha de sua própria experiência sobre os malefícios que a indústria pornográfica provoca nas mulheres envolvidas. Ela diz que ficou traumatizada, oprimida e se sentindo abusada. Assim como outras atrizes desse segmento, ela também se tornou viciada em drogas e precisava do dinheiro da pornografia para continuar alimentando o vício. Além disso, ela teve que lidar com doenças sexualmente transmissíveis.

Mercado que só cresce – A despeito dos riscos relacionados com a pornografia (para quem faz e para quem vê), segundo matéria publicada no site LifeSiteNews, a produção e a venda de conteúdos pornográficos atualmente representam a sétima maior indústria dos Estados Unidos. “Com a revolução digital novos vídeos e páginas de internet são produzidos a cada semana, trazendo grande número de novos sistemas de distribuição.”

Os rendimentos anuais da indústria pornográfica chegam perto dos 15 bilhões de dólares, nos Estados Unidos, e quase 100 bilhões ao redor do mundo. Essa indústria é maior do que Microsoft, Google, Amazon, eBay, Yahoo!, Apple, Netflix e EarthLink juntas. Perto de 50 milhões de norte-americanos adultos visitam regularmente sites de sexo virtual. De acordo com o National Council on Sexual Addiction and Compulsivity (Conselho Nacional Sobre o Vício e a Compulsividade Sexuais), existem mais de 20 milhões de viciados em sexo nos Estados Unidos, 70% dos quais afirmam ter problemas de comportamento sexual virtual.

E o problema começa cada vez mais cedo. As palavras “sexo” e “pornô” estão entre as dez mais procuradas

por crianças na internet. Por esse e outros motivos, é preciso orientar as crianças com respeito ao uso da internet. Gregory Smith, vice-presidente e diretor executivo de informação do Departamento de TI da World Wildlife Fund, em Washington, DC, escreveu o livro *Como Proteger Seus Filhos na Internet* (Novo Conceito, 2009). Para ele, deixar a criança diante de um computador com acesso à internet, sem qualquer tipo de monitoração, é a mesma coisa que colocá-la numa esquina e não ficar vendo o que acontece.

Efeitos indesejáveis – Grande número de jovens consumidores de pornografia na internet está sofrendo de ejaculação precoce, ereções pouco consistentes e dificuldades de sentir desejo com parceiras reais, é o que afirma reportagem publicada na revista *Psychology Today*. Pesquisa feita pela Universidade de Pádua, na Itália, indicou que 70% dos homens jovens que procuravam neurologistas por ter um desempenho sexual ruim admitiam o consumo frequente de pornografia na internet.



Outros estudos de comportamento sugerem que a perda da libido acontece porque esses grandes consumidores de pornografia estão abafando a resposta natural do cérebro ao prazer. Anos substituindo os limites naturais da libido por uma intensa estimulação acabariam prejudicando a resposta desses homens à dopamina. Esse neurotransmissor está por trás do desejo, da motivação e dos vícios. Ele rege a busca por recompensas. Uma vez que o prazer está fortemente ligado à pornografia, o sexo real parece não oferecer recompensa. Então, essa seria a causa da falta de desejo em muitos homens.

William Struthers, da Faculdade Wheaton, explica que “os homens parecem ter sido feitos de tal maneira que a pornografia sequestra o funcionamento adequado de seu cérebro e tem efeito de longo prazo em seus pensamentos e em sua vida”. Struthers é psicólogo com formação em neurociência e especialidade de ensino nas bases biológicas da conduta humana. No livro *Wired for Intimacy: How Pornography Hijacks the Male Brain* (Programado Para a Intimidade: Como a pornografia sequestra o cérebro masculino), ele se vale da neurociência para explicar por que a pornografia é uma

grande tentação para a mente masculina. “A explicação mais simples da razão por que os homens veem pornografia, ou procuram prostitutas, é que eles são levados a procurar intimidade”, explica ele. O impulso para obter intimidade sexual foi dado por Deus e é essencial para os homens, reconhece ele, mas é facilmente mal direcionado. Os homens são tentados a buscar “um atalho para o prazer sexual por meio da pornografia” e acham que dá para acessar esse atalho com facilidade.

Segundo Struthers, quando o homem vê imagens pornográficas, essa experiência cria novos padrões na programação do cérebro, e experiências repetidas formalizam a programação.

Mas o problema não se restringe aos homens. Pesquisadores da Universidade da Califórnia e do Tennessee, nos Estados Unidos, recrutaram 308 universitárias heterossexuais, entre 18 e 29 anos, para completar um questionário *online*. Elas responderam questões sobre a qualidade do namoro, satisfação sexual e autoestima. Segundo matéria publicada no site da revista *Superinteressante*, “o resultado mostrou uma relação entre felicidade, autoestima e filmes pornô. Quanto mais pornografia os namorados ou maridos viam, maior era a chance de ter um relacionamento infeliz. Quem reclamou sobre o vício exagerado do namorado em assistir a vídeos pornô mostrou autoestima mais baixa e insatisfação com o namoro e com a vida sexual. De tanto se compararem, ou ser comparadas às moças dos filmes, elas ficam mais inseguras com o desempenho na cama ou com o próprio corpo”.

A verdade é que a pornografia traz um estresse enorme para o relacionamento, principalmente no casamento. É comum que a esposa do usuário expresse sentimentos de traição, des-

confiança e perda de autoestima. Com frequência, tais sentimentos levam à depressão clínica com feridas psicológicas e emocionais duradouras.

Pornografia e violência – A socióloga americana Gail Dines é uma das fundadoras do movimento Stop Porn Culture, dá aulas de sociologia e gênero na Faculdade Wheelock, em Boston, e é uma grande crítica da indústria pornográfica. Em seu livro *Pornland* (Terra do Pornô), ela levanta uma hipótese perturbadora: os filmes pornográficos, acessados pela internet por qualquer adolescente, seriam os responsáveis pelo aumento de casos de violência sexual contra a mulher e contra crianças. “Os estudos mostram que, entre 40 e 80% dos homens que fazem *download* de pornografia infantil acabarão se envolvendo em algum tipo de abuso contra menores”, disse Gail à coluna Mulher 7x7 do site da revista *Época*.

“As imagens têm um impacto profundo sobre nós. Isso não significa que alguém que se masturbe vendo pornografia irá estuprar uma mulher. Mas os estudos mostram que, no caso de homens inclinados a praticar violência sexual, quanto mais pornografia eles assistirem, maior será a chance de eles cometerem crimes”, diz Gail na entrevista. “Já entrevistei muitos desses agressores e tenho certeza absoluta de que o crescimento da divulgação de materiais pornográficos usando crianças, ou explorando o universo infantil, está aumentando a violência sexual contra crianças”, completa ela.

De acordo com a professora, a pornografia relaciona sexualidade ao menosprezo pelas mulheres. “É uma combinação muito ruim, especialmente quando pensamos que os meninos veem pornografia pela primeira vez por volta dos 13 anos. O que significa para um menino que ainda está desenvolvendo sua sexualidade



ver pornografia? Quanto mais erotizamos essas imagens, mais dizemos aos homens que é dessa maneira que eles devem tratar as mulheres, que eles devem achar isso excitante. E os garotos vão construir sua identidade sexual em torno dessas imagens.”

Em seu site, o ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Rick Santorum, afirmou que a pornografia naquele país é uma “pandemia”. “Ela contribui para a misoginia e a violência contra as mulheres. É um fator que contribui para a prostituição e o tráfico sexual”, escreveu.

E tem mais: número significativo de pessoas envolvidas com a indústria da pornografia no cinema e na internet é vítima de tráfico internacional de humanos. O Departamento Estadual Americano registra que há mais de 12 milhões de escravos modernos, aproximadamente 1,5 milhão dos quais são forçados para o mercado do sexo.

Apelo de quem sabe o que diz –

A ex-atriz Jennifer Case admite que os consumidores de pornografia têm parte da culpa pelas mazelas sofridas pelos envolvidos com esse mundo, mas ela diz que compreende que só com a ajuda de Deus os homens conseguem sair do vício, assim como foi com a ajuda de Deus que ela deixou essa indústria. “Você é escravo da pornografia tanto quanto qualquer atriz pornô. Se você está vendo pornografia ou está viciado em pornografia, você está tentando encher um vazio dentro de você que só Deus pode preencher. Toda vez que você vê pornografia, está aumentando o vazio, e você destruirá sua vida.”

Ela diz ainda que a pornografia é “maligna” e “é uma droga, veneno e mentira”. “Se você pensa que poderá guardá-la no escuro, Deus a tirará para fora, para a luz, para deter você e curar você.”



Num apelo muito franco, Case diz que “essas mulheres [do mundo pornográfico] são preciosas e merecem ser amadas exatamente como vocês [homens] merecem. Há uma pessoa real do outro lado das imagens que você está vendo, e você está destruindo a vida dela e a vida dos filhos dela. Em toda pornografia existe a filha de alguém. E se fosse a sua filhinha? Você pode realmente estar sendo cúmplice na morte de alguém! Atores e atrizes pornôs morrem o tempo todo de AIDS, overdose de drogas, suicídio, etc. Por favor, parem de olhar pornografia!”

Impressionam os apelos sinceros de mulheres como Shelley Lubben e Jennifer Case. Elas sabem que, como qualquer vício, o da porno-

grafia geralmente começa com o descuido e a curiosidade e vai se aprofundando, até que a pessoa se dá conta de estar escravizada pelo hábito destrutivo. O alcoólico deve ficar longe do álcool. O toxicômano deve passar longe das drogas. E o viciado em pornografia também deve tomar medidas preventivas. Se o proble-

ma é a internet, deve-se acessá-la sempre acompanhado de outras pessoas, limitar o tempo de navegação, ser muito focado e específico no uso (evitando navegar a esmo por aí) e colocar filtros no computador.

Finalmente, e mais importante: como disse Jennifer, só com a ajuda de Deus se pode conseguir a libertação do vício. Portanto, se você vive esse drama, intensifique sua comunhão com Deus por meio da oração sincera, do estudo devocional diário da Bíblia, das boas companhias e da frequência regular à igreja. Quando Jesus controla nossa mente, os pensamentos e desejos se tornam puros e corretos. ■

.....
MICHELSON BORGES é editor e jornalista

Manual de segurança

Para evitar o mal da pornografia (e outros perigos) online, são necessários alguns procedimentos e cuidados. Por exemplo:



1. Mantenha o computador em uma sala de uso comum da casa. Isso evitará que você se sinta “sozinho” e, portanto, livre para acessar certos sites. Isso é policiamento e autoproteção.



2. Fiscalize seu próprio tempo de utilização do equipamento. Estabeleça limites.



3. Se for navegar em chats, escolha aqueles que sejam confiáveis.



4. Não prossiga em diálogos que o façam sentir-se desconfortável ou que se tornem muito pessoais.



5. Não marque encontros com alguém que você conheceu pela internet, a menos que tome todos os cuidados para que ele seja seguro.



6. Tenha consciência de que o ser humano domina a máquina e não o contrário.



Você merece qualidade de vida!



Vida e Saúde é uma revista que se preocupa com sua saúde e com seu estilo de vida. A cada edição, ela traz dicas importantes de nutrição e alimentos que o ajudarão a viver mais. Não perca tempo! Assine hoje mesmo *Vida e Saúde* e garanta para você e sua família uma vida mais longa e feliz!

Ligue 0800-9790606
acesse www.cpb.com.br
ou visite uma CPB livraria



E agora, O QUE FAZER?

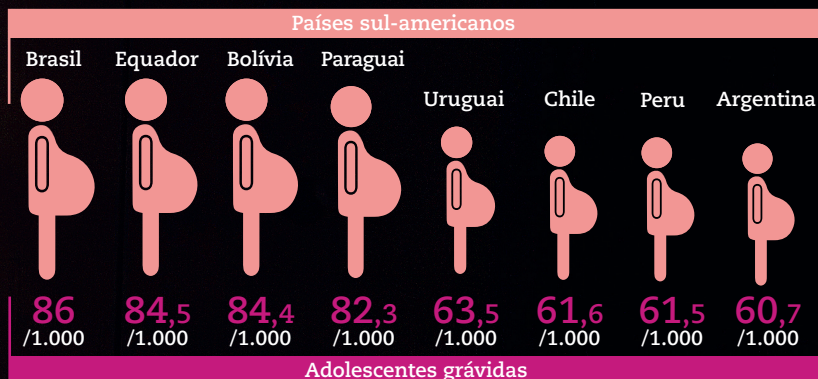
Na América do Sul, é preocupante o elevado número dos casos de gravidez precoce

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é o período compreendido entre a infância e a vida adulta. Em alguns casos, a adolescência é interrompida quando a jovem fica grávida. Uma vez que uma

em cada cinco mulheres no mundo tem filho antes de completar 18 anos, calcula-se que cada ano ocorrem 16 milhões de partos de mães adolescentes. Nas regiões mais pobres do planeta, uma em cada três mulheres é mãe na adolescência.

Na América do Sul, o número de casos de gravidez nessa faixa etária é preocupante. O Banco Interamericano de Desenvolvimento¹ (BID) apresenta as seguintes cifras em relação ao índice de fecundação de adolescentes:

Nascimentos em cada 1.000



Esses números refletem um índice preocupante, que nos leva a refletir se, como adultos – seja na condição de pais, educadores ou membros da sociedade – não cheguemos o tempo de enfrentar essa problemática e quebrar o silêncio.

1. Quais são os fatores que contribuem para a gravidez na adolescência?

Em face dessa realidade que se manifesta em todas as camadas sociais e culturais, precisamos agir com urgência. Em primeiro lugar, conhecendo os fatores ou as causas que levam as adolescentes a se colocar em situação tão vulnerável.

Os fatores são tão diversos quanto as meninas grávidas. Mencionemos os mais frequentes:

■ **Gravidez desejada:** Há adolescentes que desejam ser mães devido a vários fatores: (a) herança cultural (suas bisavós, avós e mãe ficaram grávidas precocemente); (b) meio de escapar de lares instáveis; (c) possibilidade de estabelecer uma família com melhor situação econômica; (d) ser mãe como único projeto de vida; (e) ou simplesmente para não continuar os estudos, entre muitos outros exemplos.

■ **Gravidez não desejada:**

a) *Por causa de relações sexuais consensuais:* falta de informação sobre controle de natalidade, meios de propaganda de alto teor erótico, pressão social de parceiros para manter relações sexuais, início precoce da sexualidade (12 a 14 anos), início precoce do consumo de álcool e drogas, o que desinibe as adolescentes, tornando-as mais vulneráveis. Tudo isso se soma às condutas típicas da idade, como rebeldia e presunção de conhecimento.

b) *Por causa de relações sexuais não consensuais:* violência de gênero, que pode ocorrer dentro ou fora do âmbito da família.

2. Quem assume a responsabilidade da gravidez na adolescência?

Embora, em regra geral, os pais sejam menores, eles devem assumir seu novo papel como pais.

A realidade mostra que, na maioria

das vezes, a mãe adolescente e sua família se responsabilizam pela criança. Segundo pesquisas, só em 40% dos casos de gravidez na adolescência o pai assume a responsabilidade de provedor. Assumir a responsabilidade não implica necessariamente viver como parceiros ou casar-se, mas apenas assumir a responsabilidade de pai. Uma das causas mais frequentes do abandono do papel paterno se deve a perguntas de amigos e familiares. Por exemplo: “Você tem certeza de que essa criança é seu filho?”

Quando pais adolescentes desejam assumir a responsabilidade, frequentemente se sentem impossibilitados economicamente, o que torna difícil essa tarefa. Essa situação leva os avós do futuro bebê a se responsabilizarem por ele, embora possa haver situações em que a família da mãe somente – ou de ambos e, às vezes, da família do pai – passe a dar apoio.

O aspecto econômico pesa muito, o que, muitas vezes, faz com que o pai da criança vá para a casa paterna e a mãe, por sua vez, para a casa dos pais dela. Isso causa conflitos e alteração de papéis.

70% dos casos de gravidez na adolescência não são desejados.

3. Quais são os riscos da gravidez precoce?

A gravidez precoce está fora das expectativas ligadas a esse evento tão significativo. Portanto, os riscos podem ocorrer em todos os aspectos do desenvolvimento, como:

■ **Biológico:** Carência de nutrientes essenciais para adequado desenvolvimento do embrião. Isso inclui abortos espontâneos, partos prematuros, nascimento de bebês com baixo peso,



De cada **100** bebês que nascem, **15%** são filhos de adolescentes.

devido ao fato de que o útero não está ainda totalmente desenvolvido; e crianças com problemas de saúde e transtornos de crescimento.

■ **Psicossocio-espiritual:** Temor da reprovação proveniente do círculo familiar e social, o que leva ao isolamento da futura mãe (abandono dos estudos, das amizades, etc.).

Os sentimentos de crítica à responsabilidade materna e a culpa por não exercê-la tendem a diminuir a autoestima da mãe.

São frequentes os conflitos familiares causados pelo anúncio da gravidez e seu desenvolvimento posterior.

Há sentimentos de abandono e perda, quando o pai não assume sua responsabilidade.

Angústia e ansiedade em face das mudanças no corpo da mãe.

Culpa e remorso, dependendo dos valores familiares, o que pode causar falta de esperança e levar ao abandono de práticas religiosas.

4. O que fazer no caso de uma adolescente engravidar?

A reação de um adulto (seja pai, parente, conselheiro, professor) ao receber a notícia de que uma adolescente vizinha ficou grávida causa uma variedade de emoções, como perplexidade, desilusão, piedade e preocupação quanto ao futuro dela.

Alguns pais têm sentimento de culpa, por não terem agido preventivamente, ou se envergonham, preocupando-se com a exposição pública (“O que vão dizer?”).

Mas, além dos sentimentos de culpa e da difícil situação que enfren-

ta, cada adulto precisa considerar os seguintes conselhos:

- Reconheça seus sentimentos e trabalhe para aceitar e apoiar a menor grávida. Isso não quer dizer que você não tem o direito de se sentir frustrado ou enojado. Não! Essas reações são normais. Mas, para o bem da adolescente e do bebê, você precisará superar seus sentimentos.

- Aproxime-se da futura mãe e dialogue com ela: O que é mais importante para a jovem grávida? Quais são as preocupações que ela enfrenta? Ela já procurou um especialista? Está sendo assistida regularmente? Sabe como cuidar da saúde nessa fase da vida? Que planos tem ou pode estabelecer? Vai continuar estudando? Como o pai do bebê está reagindo? O casamento seria a “solução”? Com que suporte emocional a adolescente pode contar? Ela sabe o que a espera como mãe? Tem esperança? Como pode consolidar a esperança em Deus?

- Se, como adulto, você não puder controlar seus sentimentos nessa situação, procure a ajuda de um profissional.

Como pai conselheiro, você pode exercer grande influência na vida da futura mãe e da criança. Você, talvez, gostaria que ela tivesse escolhido outro rumo, mas a realidade é outra. Busque a maneira adequada de apoiá-la, certifique-se de que ela tenha boa atenção pré-natal, e esteja preparado para dar-lhe atenção quando ela compartilhar seus medos e ansiedades. É possível que ela e o pai da criança descubram que, com o tempo, serão pessoas melhores. Lembre-se de que o Senhor nunca nos abando-

na em meio aos nossos equívocos e erros. Sua promessa é: “Ainda que me abandonem pai e mãe, o Senhor me acolherá” (Salmo 27:10, NVI).

5. Como evitar a gravidez precoce?

Existem muitas sugestões sobre maneiras de agir preventivamente diante dessa problemática. A OMS recomenda o aumento do uso de anticoncepcionais pelos adolescentes, a redução das relações sob coação e apoio aos programas de prevenção da gravidez na adolescência.

Diversas instituições nacionais oferecem programas semelhantes aos da OMS, recomendando que os jovens recebam boa educação sexual tanto no círculo familiar quanto nos estabelecimentos escolares.

Do ponto de vista cristão, nossa postura é:

- Incentivar o diálogo familiar, para que as dúvidas e temores sejam apresentados. Conversar com os adolescentes sobre o adequado desenvolvimento do noivado, pressão social sobre os namorados em face do início precoce da sexualidade, análise dos meios de comunicação e seus antivaleores, respeito pelo tempo certo para cada coisa, pelo corpo e pela pessoa de quem se gosta, etc.

- Ajudar a construir um projeto de vida sustentável, que inclua educação, trabalho, casal, etc.

- Lembrar-se de que a prevenção de uma gravidez não interessa só à mulher, é assunto de duas pessoas; o homem tem também a obrigação de assumir sua responsabilidade nesse sentido, ao se colocarem ambos em situação de risco.

- Recomendar que atuem com firmeza diante de situações de risco ou ameaça, dizendo sempre NÃO quando houver pressão para a prática de relações sexuais. Esse tipo de pressão

A maioria dos casos de gravidez de adolescentes entre 10 e 14 anos se deve a atos de violência.



nem sempre termina em uma relação duradoura e estável.

- Conduzir os adolescentes aos amáveis braços do Senhor (Deuteronômio 6:4-9), para que eles tomem boas decisões, colocando sua confiança em Deus e cumprindo Sua vontade em relação ao controle da sexualidade, dentro dos princípios estabelecidos no Éden: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24).

- Promover a conscientização de que é necessário abster-se de relações sexuais até que se tenha maturidade para compreender seu significado e responsabilidade, dentro dos princípios matrimoniais.

Alguns jovens pensam que devem ter relações sexuais. Os homens, para provar sua virilidade e as mulheres, sua fidelidade e lealdade em “demonstrar amor”, o que está completamente errado, podendo resultar em uma gravidez não desejada. Sem dúvida, deve-se levar em conta que o ato sexual no contexto do casamento propicia felicidade completa e duradoura. A Palavra de Deus expressa: “Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis” (Filipenses 1:9, 10). ■

STELLA MARIS ROMERO DE ARANDA é editora da revista infantil *Mis Amigos*

CLAUDIA BRUNELLI é coordenadora técnico-pedagógica de educação na Asociación Casa Editora Sudamericana, na Argentina

REFERÊNCIA

1. Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID educación, número 12, dezembro de 2011.



As mães adolescentes latino-americanas têm a média de 1,8 a 2,8 anos de instrução escolar.



Casa dos horrores

O lar deveria ser um lugar de paz e amor, mas muitas famílias brasileiras o transformam em um verdadeiro campo de batalha. As principais vítimas? A mulher e a criança

Foram necessários 23 anos para que a Lei 11.340 fosse sancionada, desde um fatídico dia em 1983, quando a farmacêutica Maria da Penha Fernandes recebeu um tiro do próprio marido, confinando-a pelo resto da vida a uma cadeira de rodas. Hoje, aproximadamente 8 anos depois dessa sanção, a Lei Maria da Penha é a mais conhecida das leis nacionais. Raríssimas pessoas no território brasileiro nunca ouviram falar dela. Trata-se de uma medida para frear

a violência doméstica, que atinge principalmente mulheres e crianças e torna o Brasil o sétimo colocado no ranking mundial dos homicídios femininos, perdendo apenas para Belize, Colômbia, Rússia, Guatemala, Trinidad e Tobago e El Salvador.

A violência se espalha pela sociedade e, quando o agressor está sob o mesmo teto, a vítima se sente ainda mais desprotegida, sem abrigo, sem apoio, sem ajuda. É assim que pensava Maria Helena*. Enquanto se recorda da própria história, um misto de revolta e tristeza pode ser notado em seus olhos e ela relata parte dos 18 anos que viveu com o ex-marido. Foram dias assustadores, de agressão física, moral e até sexual. “A primeira agressão aconteceu quando eu estava no sétimo mês de gestação”, revela, estalando os dedos, visivelmente nervosa enquanto se lembra dos detalhes. “Ele me empurrou e me deu um soco. Minha boca começou a sangrar.” O casal ainda não tinha um ano de casamento. Conheça mais dessa história no quadro “Malmequer” (p. 19).

Talvez aqueles que não veem de perto a violência doméstica se perguntem por que uma pessoa se sujeita a ficar com outra, sofrendo, sendo agredida por 18 anos. Segundo a Secretaria de Transparência, pode haver várias razões. Em uma pesquisa realizada por esse órgão, via DataSenado, 74% dos entrevistados creditaram a não denúncia ao medo do agressor. Não foi o que aconteceu com Maria Helena. O problema dela era a vergonha de ter apanhado. A mesma pesquisa aponta esse motivo em 4º lugar, depois da preocupação com a criação dos filhos e da dependência financeira. E também identifica que a vergonha é mais frequentemente apontada conforme cresce a escolaridade e a renda da vítima.

Uma rápida espiada pelos principais jornais e nos deparamos com

uma triste constatação: violência doméstica não é notícia rara; pode ser encontrada em qualquer camada da sociedade e tem crescido. Por quê? Porque a Lei Maria da Penha é falha? Não. Ela tem 46 artigos suficientes para punir qualquer agressor e até mantê-lo afastado para evitar novas agressões. O que é preciso para que essa lei seja mais eficaz? Basicamente, dois pontos: denúncia e rigor no cumprimento da lei. O segundo ponto cabe ao poder público, mas o primeiro tem que ver com cada membro da sociedade, seja vítima ou não.

Agredindo a própria cria – Se para um adulto é muito difícil lidar com a violência doméstica, imagine para uma criança. Em muitos casos, os filhos sofrem os maus-tratos com a mãe, seja de forma direta ou indireta.

Os traumas psíquicos e emocionais produzem marcas que não desaparecem nem mesmo com o passar de muitos anos. As cicatrizes emocionais da alma são muito mais profundas do que as que marcam o corpo. E, infelizmente, poucas crianças terão acesso ao tratamento psicológico necessário para ajudar a amenizar tais experiências traumáticas. Como fica a mente de uma criança que vê a mãe sofrendo diariamente ou quando ela mesma é vítima de violência por parte daquele que deveria ser o primeiro a protegê-la? Se a criança não encontra em casa a segurança de que ela precisa, onde vai buscá-la? Quais consequências ela carregará ao longo de sua vida? As respostas para essas perguntas podem variar, dependendo da personalidade da criança envolvida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), art. 227, diz que é “dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à edu-

cação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O descumprimento de qualquer artigo do estatuto é considerado crime. Por lei, ou seja, no papel, a criança e o adolescente deveriam estar protegidos de qualquer tipo de violência. No entanto, dados estatísticos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) apontam um número assustador: em média, 18 mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia no Brasil. A cada hora, uma criança morre queimada, torturada ou espancada pelos próprios pais.

Nem sempre as crianças têm coragem de revelar o que se passa em casa. Por isso, é importante acreditar na palavra delas. Outro ponto importante e que pode ajudar a detectar se a criança está sendo vítima de violência doméstica é prestar atenção na mudança de comportamento (veja também a matéria da p. 30). Os profissionais que lidam com crianças geralmente têm mais condições de perceber se algo está errado. Não se sentir à vontade quando em contato com adultos, variações frequentes de humor, medo dos pais, agressividade ou timidez excessiva, dificuldades na aprendizagem podem ser indicadores de que a criança esteja sofrendo violência em casa.

Qualquer pessoa que perceber situação de maus-tratos contra a criança se torna responsável por fazer a denúncia. Esse é um dever de todo cidadão. Entre os profissionais de saúde, a notificação aos Conselhos Tutelares é obrigatória (Portaria GM/MS 1968/2001, instituída pelo Ministério da Saúde) toda vez que houver suspeita ou confirmação de violência contra crianças e adolescentes. O artigo 13 do

ECA também determina que seja feita a comunicação imediata ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, já que esse órgão é preparado para combater a violência, situações de maus-tratos, abandono intelectual, abandono de incapaz, negligência e omissão.

Outro local para efetuar denúncias é a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. Em algumas cidades, onde não há esse tipo de serviço, quem acumula a função é a Delegacia da Mulher. Dali, a criança é encaminhada para o Conselho Tutelar. Em caso de violência física, a vítima passa por exames periciais e as providências legais são tomadas. Entretanto, segundo o conselheiro tutelar Dr. Luiz dos Santos Netto, todas essas ações apenas amenizam o trauma causado pela violência, não havendo uma reconstituição plena da vítima, como se ela nunca tivesse passado por esse problema. “A criança carregará isso pela vida toda”, diz ele. “Entendo que os programas que disponibilizamos para a sociedade apenas ajudam a vítima a administrar psicologicamente o que ela viveu.”

Para esse conselheiro tutelar, habituado aos casos de violência contra a criança, uma das piores situações é os pais não suprirem as necessidades de seus filhos. “O animal não deixa sua cria passar fome. Ele luta para conseguir alimento para o filhote. E muito ser humano não faz isso, deixando o filho desamparado.” A violência física é terrível, mas ela pode acontecer de maneira impensada; já o abandono é consciente e evidencia a desvalorização da vida. “O ser humano está deixando de ter afeto por si mesmo. Isso é a pior situação!”

Agressão X educação – Com a sanção da Lei da Palmada no ano passado, veio à tona a polêmica sobre a diferença entre agressão e disciplina. O fato é que em geral a sociedade tem

dificuldade para agir quando se depara com o pai ou a mãe ralhando com uma criança ou machucando-a publicamente. Socialmente, parece que não devemos interferir, já que aquilo pode ser parte da educação que a criança esteja recebendo. Por outro lado, se todos se condoem diante de qualquer reprimenda, isso poderá realmente dar início a uma geração sem limites, sem senso social ou de justiça.

Como estabelecer as fronteiras entre a agressão e a legítima educação? Sob o pretexto de ser um ato disciplinar, um método educativo, uma mãe de Roraima torturou com fios elétricos o filho de 12 anos porque o menino havia perdido uma chave. Ao ser interrogada, a mãe confessou que costumava agredir os filhos por causa da desobediência deles. Até o fato de as crianças não arrumarem o quarto como ela gostaria era motivo para agressão. A denúncia foi feita pelo ex-marido, depois que a vítima ligou para o pai pedindo socorro. A mãe admitiu que houve excesso e vai responder em liberdade pelo crime de tortura.

Talvez a melhor maneira de distinguir uma agressão de um ato educativo esteja no que o psicanalista do Hospital Nove de Julho de São Paulo, Catulo César Barros, menciona em uma reportagem publicada pelo portal iG: “Se estiver inserida em um ambiente de carinho e acolhimento, a criança tem totais condições de entender que uma palmada não é agressão, é repressão a uma atitude errada, correção. Agora, quando vive em uma realidade crua, os danos de uma agressão física desmedida podem desenvolver um adulto violento, depressivo e medroso.”



Dr. Luiz dos Santos Netto: “O ser humano está deixando de ter afeto por si mesmo”

Violência invisível – Em julho de 2013, o Unicef lançou a campanha “Torne o Invisível Visível”. A principal motivação foi exatamente despertar a população para reagir contra a violência infantil. Para ancorar essa campanha, foi criado um vídeo de aproximadamente um minuto (www.youtube.com/watch?v=VkgF2xZEprU). Nele, o ator Liam Neeson, embaixador do Unicef, narra atrocidades cometidas contra crianças, enquanto são mostrados os locais em que essas atrocidades aconteceram. Não se vê uma só pessoa no filme, mas a ideia é exatamente esta: “Só porque você não consegue ver a violência contra crianças, não significa que ela não exista. Torne o invisível visível. Ajude-nos a fazer a violência desaparecer. Una-se a nós. Levante sua voz!” ■

SUELI FERREIRA DE OLIVEIRA e NEILA DINIZ DE OLIVEIRA são editoras na Casa Publicadora Brasileira, em Tatuí, SP

* Nome fictício.

Malmequer

Esta é parte da vida de Maria Helena (história verídica, nome fictício). Enquanto lê, observe trechos parecidos com vários casos de agressão noticiados na mídia.

A primeira agressão aconteceu porque eu queria ir com ele a um casamento e ele não deixou. Eu estava *disposta a desobedecer*, mas levei um soco na boca e fiquei em casa. Saiu muito sangue. Mas eu *não contei a ninguém. Tinha muita vergonha...* As pessoas viam minha boca inchada e perguntavam o que era aquilo; eu *inventava uma desculpa*. Dizia que tinha caído e me machucado.

Certa vez, saí de casa com meu filho mais velho e *resolvi me separar*. Eu não sabia, mas já estava grávida do segundo filho. Eu não usava nenhum contraceptivo. Para ele, se eu tomasse remédio, *significava que eu queria sair com outros homens* e não correr o risco de engravidar. Fui para a casa da minha mãe. A situação piorou, porque *ele começou a me seguir*.

Eu não fui à delegacia, porque *tive medo*. Uma vez, quando eu chegava do trabalho, ele me surpreendeu perto de casa. *Encostou uma faca no meu pescoço* e me mandou pegar meu filho e sair da casa. Eu concordei, mas entrei em casa e não saí. *Ameacei chamar a polícia* se ele não fosse embora. Ele foi. Mas, dessa vez, *fiz a denúncia*. Não adiantou nada. Os policiais apenas me disseram que eu deveria me separar dele, já que o casamento não tinha dado certo. Não havia um flagrante e eles não podiam fazer nada, a não ser *um boletim de ocorrência*. *Isso não protege ninguém*. Ele continuou *me perseguindo até eu concordar* em voltar a morar com ele. Vivi 18 anos assim. Nesse período, *tive oito filhos*.

Meus filhos também sofreram muito na mão do pai. *Ele batia nos meninos. Fazia os meninos saírem para comprar pinga*. De vez em quando, ia gente na porta de casa, para cobrar dívida de droga, prometendo matar, e eu trabalhava e pagava... tudo isso para poder viver em paz. Minhas *crianças presenciaram essas coisas*. Às vezes, eu chegava do trabalho e estava *todo mundo de castigo sem saber a razão*. Uma vez, um dos meus filhos ficou um dia inteiro de castigo no banheiro. Quando cheguei, ele estava dormindo, sentado na tampa do vaso sanitário. *Meu filho mais velho, quando estava com 12 anos, fugiu* de casa. Foi morar com a tia. Só voltou pra casa com 18 anos.

Certa vez, enquanto eu estava sendo agredida, quem me salvou foi o síndico do meu prédio, que *arrombou o apartamento* e me mandou pegar minhas coisas e as das crianças e fugir daquele lugar. Então, *mudei-me para o interior* do Estado.

Meu ex-marido descobriu e *foi atrás* de nós, *dizendo que tinha mudado*. E eu resolvi dar *mais uma chance* pra ele. Mas foi horrível! *Ele não mudou*. Um dia, quando ele foi agredir minhas crianças, coloquei todo mundo no quarto. Ele tirou gasolina de uma moto que tinha, molhou uma toalha, pôs debaixo da porta e tacou fogo. Por causa da fumaça, fui obrigada a abrir a janela. Não dava para passar pela porta. Meu filho pulou o muro e chamou a polícia. *Quando a polícia chegou, ele já estava calmo*. Naquela ocasião, *fiz a denúncia e ele ficou preso* por 15 dias. Ele *saiu da prisão mostrando-se muito educado, gentil*. Pensei que era outra pessoa. Dois meses depois, voltou tudo ao que era antes. Certo dia, *ele chegou bêbado*. Brigou comigo e, naquela confusão, *acabou acertando meu nariz*, que quebrou e não parava de sangrar. Uma dor horrível! As crianças ficaram apavoradas e correram para se esconder. Fui *pra casa de uma vizinha*, pedi pra ela chamar a polícia. Ele ficou preso mais 15 dias. Saiu bonzinho de novo.



Depois disso, ele voltou para o lugar de onde tínhamos saído. Lá, ele *procurou uma igreja* evangélica, fez estudos bíblicos e foi batizado. Meus antigos vizinhos me ligaram e disseram que ele tinha realmente mudado, estava transformado. Eu *acreditei*. Na verdade, era o que eu queria. Eu orava por isso. Mesmo eu não o amando, tinha carinho e respeito por ele, porque *era pai dos meus filhos*. Quando ele voltou para casa, pensei que realmente havia mudado, *estava diferente* até no jeito de se vestir. *Aí, engravidei de novo*.

Ele arrumou emprego aqui. E logo que arrumou emprego, *começou a beber* novamente e *usar drogas*. E os transtornos recomeçaram. Quando eu estava com oito meses de gestação, *tivemos mais uma discussão e briga em casa*, e minha pressão ficou muito alta. Eu sangrei, minha placenta descolou. Meu bebê morreu. *Aí, ele veio chorando, pediu desculpas*. Logo depois, ele desatou a beber mesmo, porque dizia que não suportava a morte da filha (era uma menina!). Ele sempre agredia a família toda.

Uma vez, ele *ficou oito meses preso* depois de *agredir minha filha com um soco*. No dia da audiência, o juiz perguntou se eu queria que ele fosse solto e *eu tive dó*. Achei que oito meses eram suficientes para ele aprender alguma coisa. Ele voltou para casa e eu *engravidei novamente*.

A gente morava em uma casa com um só quarto. Todo mundo dormia junto. No meio da noite, *ele me acordava querendo ter relacionamento sexual* e eu não queria fazer nada. Meus filhos estavam ali. *Aí, ele acordava os meninos e falava que a mãe deles não queria ficar mais com o marido dela* porque devia ter outro homem. Eu ficava com *tanta vergonha* e me perguntava por que isso estava acontecendo. Onde morávamos antes, um apartamento de dois quartos, nós tínhamos o nosso quarto e as crianças tinham o delas. Era assim: ele me agredia e depois *eu tinha que ter relação sexual com ele*. Se eu me negasse, havia mais agressão. Uma vez, eu estava tão cansada e dormi pesado. De repente, *acordei no meio do ato sexual*. Eu perguntei o que estava acontecendo e ele *respondeu que eu era a mulher dele* e, por isso, ele *podia fazer o que quisesse comigo* e não precisava nem me falar ou acordar para isso. Eu morria de vergonha.

Todos os meus filhos têm bronca dele; os menores, menos, porque agora faz três anos que estou separada dele. Ele não me aborreceu mais.

Eu *me arrependo de ter escolhido esse homem* para ser meu marido, porque eu tinha outras opções. Eu *me arrependo das vezes em que voltamos*. Eu só não me arrependo de ter tido os meus filhos.

Algumas pessoas que passam por isso dividem o mesmo problema comigo. Quando isso acontece, o que eu falo para elas é que *devem abrir a boca*, ter iniciativa de *denunciar o agressor e procurar ajuda*.



DESTINO PERIGOSO

Para as mulheres pobres, ele é o ilusório caminho para a vida de Cinderela, e para as crianças vulneráveis, parece ser a única maneira de sobreviver. Mas, na verdade, o turismo sexual é um problema complexo, resultado da desigualdade social e da nossa herança de exploração

Milhares de turistas não aterrissam em terras tupiniquins interessados apenas em nossos monumentos, história, belezas naturais, etc. Muitos vêm atrás de turismo sexual.

O objetivo desta matéria é alertar sobre o funcionamento dessa indústria e estimular você a denunciar e a enfraquecer esse sistema.

Visibilidade – O interesse da opinião pública pelo problema é resultado de ações governamentais, da visibilidade do tema na mídia e da contribuição de estudos mais abrangentes sobre o assunto. Um dos levantamentos que ajudaram a abrir os olhos dos governantes e da sociedade foi a Pes-

quisa sobre *Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes Para Fins de Exploração Sexual Comercial* – Pestraf, de 2002.

Entre outros dados, o estudo mostrou que o Brasil tinha 241 rotas de exploração, sendo 131 internacionais, 78 interestaduais e 32 intermunicipais. O principal destino no exterior para o envio de mulheres e adolescentes era a Espanha, seguido por Holanda, Venezuela, Itália e Portugal.

A pesquisa também mostrou o perfil das mulheres aliciadas. Geralmente são afrodescentes, de classes populares, têm baixa escolaridade, vivem nas periferias das metrópoles ou em cidades pobres do interior. Muitas dessas crianças e adolescentes, entre 7 e 14 anos, já sofreram algum tipo

de violência, dentro da família ou fora dela. As menores tendem a ser exploradas no “mercado” brasileiro, ao passo que as da faixa da maioria de acabam indo para o exterior.

Se, por um lado, o negócio de exportação de sexo se mostra “aquecido” e bem articulado, por outro, o retrato da prostituição infantil dentro das fronteiras do Brasil não é menos preocupante. O levantamento feito pela Universidade Federal de Brasília e Secretaria Nacional de Direitos Humanos revelou que, entre 2005 e 2010, a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes ocorreu em 2.930 dos 5.561 municípios brasileiros.¹

Rota do prazer – Dados do Ministério do Turismo, de 2004, apontam

que dos 1.514 destinos turísticos brasileiros,² 398 têm esquemas de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Esses números colocam o Brasil e a América Latina, além do sudeste asiático, como os principais roteiros escolhidos por turistas que pagam pela fantasia de uma relação com nativas supostamente exóticas e sexualmente mais disponíveis.

O problema é que, além de toda a degradação moral e social associada a qualquer tipo de prostituição, o turismo sexual apresenta forte ligação com o crime organizado, o tráfico de pessoas e a exploração de crianças e adolescentes.

Essa indústria se aproveita dos bolsões de pobreza do país e da visão historicamente distorcida sobre os brasileiros. Lamentavelmente, até a década de 1980, essa percepção foi reforçada pela própria propaganda governamental, que vendia a imagem de um país de praias paradisíacas, mulheres sensuais e cultura acolhedora.

Propaganda enganosa – Segundo a pesquisadora Liciane Rosseto Ferreira, esse discurso caiu em desuso nas propagandas oficiais, mas a publicidade produzida por empresas privadas ainda se utiliza desse rótulo sobre a mulher brasileira. Para ela, até a descrição dos locais, como praias virgens, é sensualizada. Liciane ana-

lisa o fenômeno com base em sua tese doutoral em que estudou o turismo sexual em Florianópolis, capital que, no verão, recebe muitos argentinos.³

Uma das ações governamentais que pretendem coibir essa distorção da imagem nacional é a fiscalização. Em 2011, o Ministério do Turismo identificou 1.770 páginas virtuais que usavam marcas e logotipos de programas turísticos do Brasil vinculados à pornografia e prostituição.⁴ Dos sites notificados, 1.100 atenderam ao pedido do órgão e retiraram ou corrigiram o conteúdo.

Mas, além da impossibilidade de se controlar todo o conteúdo postado na web, as iniciativas oficiais enfrentam outro desafio. Para optar por um discurso coerente, teríamos que abrir mão de vincular o Brasil ao Carnaval na propaganda internacional, um dos nossos principais atrativos turísticos. Mas tocar nisso seria mexer no bolso de quem lucra com dinheiro, audiência e popularidade com nossa maior festa popular.

O principal problema em enfatizar o lado sensual da cultura brasileira como isca turística é comprometer toda a reputação de um povo. É o que defende a pesquisadora Cassiana Gabrielli.⁵ Ela explica que, quando o estrangeiro vem para o Brasil já com uma visão negativa da nossa sociedade e acaba se relacionando apenas com prostitutas ou com garotas dis-

postas ao sexo livre, é reforçada a percepção negativa dele. De certa maneira, as pessoas com as quais ele teve contato se tornam representantes da nação, e o turista “gringo” acaba julgando o todo pela parte.

Explorador e explorado – Mas nenhuma indústria ilegal se mantém e cresce apoiada apenas em propaganda enganosa. É preciso que ela se aproveite de lacunas, e esse é o caso do negócio chamado turismo sexual. Segundo especialistas, ele tem raízes culturais, sociais, políticas e jurídicas.

A razão histórica dessa exploração é apontada pelo sociólogo Arim Soares do Bem, em seu livro *A Dialética do Turismo Sexual* (2005). Para o pesquisador, o turismo sexual ocorre quando existem condições favoráveis nas culturas que enviam e recebem turistas. Soares do Bem acredita que o modo depreciativo com que os europeus veem os demais povos colonizados é uma “justificativa” para a exploração.

A hipótese do sociólogo é que, na visão dos europeus, o processo de colonização pelo qual passaram a América Latina e a Ásia tornou as mulheres dessas regiões inferiores, exóticas e passíveis de exploração sexual. No Brasil, ao longo dos séculos essa postura foi confirmada na relação entre o homem branco, os índios e os escravos negros. Ao citar o famoso sociólogo Gilberto Freyre, Soares do Bem afirma que não há escravidão sem exploração sexual.

Seguindo essa lógica, se a visão do explorador é distorcida, a do explorado é muito mais. De acordo com especialistas, a mulher brasileira que se envolve voluntariamente com turismo sexual costuma ter uma noção ilusória sobre o europeu. Elas – geralmente negras ou pardas e de baixa renda – veem na companhia dele a possibilidade de comer em bons

A rota do crime

- Em 2002, o Brasil tinha **241 rotas** de exploração: **131 internacionais**, **78 interestaduais** e **32 intermunicipais**. Principal destino no exterior: **Espanha**.
Fonte: Pestrat (2002)
- **53%** das cidades brasileiras registraram casos de exploração sexual comercial de menores, entre 2005 e 2010.
Fonte: <http://matriz.sipia.gov.br>
- **26%** dos destinos turísticos do Brasil têm esquema de exploração sexual.
Fonte: Ministério do Turismo (2004)



O que é?

É a exploração de crianças e adolescentes por visitantes, em geral, procedentes de países desenvolvidos ou mesmo turistas do próprio país, envolvendo a cumplicidade, por ação direta ou omissão, de agências de viagem e guias turísticos, hotéis, bares, lanchonetes, restaurantes e barracas de praia, garçons e porteiros, postos de gasolina, caminhoneiros e taxistas, prostíbulos e casas de massagens, além da tradicional cafetinagem.

Fonte: Banco de dados do Cecria (1996).

restaurantes, ganhar roupas novas e até mesmo de casar e ter uma vida melhor num país desenvolvido.

Além disso, a parte explorada vê no homem branco um ser superior ao negro ou pardo com quem ela convive. Portanto, relacionar-se com alguém mais gentil e rico faz com que a pessoa explorada se sinta uma “princesa”, mexendo com sua autoestima que, via de regra, é afetada por sua condição de vulnerabilidade social.

Cinderelas e o lobo mau – Essa triste relação foi também retratada no documentário *Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado* (2008), de Joel Zito Araújo. Em entrevista para a revista *Raça Brasil*,⁶ o diretor do longa-metragem disse que o discurso pró-consumismo reforçado pela mídia também alimenta o imaginário das pessoas exploradas. Para Joel, as mulheres e adolescentes iludidas com o turismo sexual veem na relação com o homem branco e estrangeiro a chance de ter bens e marcas que supostamente lhes atribuiriam valor.

No retrato levantado por ele em capitais de grande fluxo de turistas, o diretor do documentário identificou dois tipos de “gringos” que alimentam o turismo sexual. O “bem-intencionado”, ou seja, aquele que se considera fracassado em seu país de origem por não ter ingressado na universidade e não faz sucesso com as mulheres de lá. Segundo Joel, esse turista guarda

dinheiro e vem para o Brasil em busca de um “amor de verão”, que pode resultar em casamento.

O segundo tipo de “gringo”, explica o cineasta, é o mal-intencionado. É o que engana as nativas com promessa de emprego fácil e casamento no exterior, mas cuja intenção é traficar ou explorar sexualmente essas brasileiras. Por isso, o diretor do documentário alerta que se envolver com o turismo sexual “é uma loteria”. Um risco que nunca vale a pena correr.

Crime em rede – Evidentemente, a existência do turismo sexual pressupõe o funcionamento de toda uma rede de cumplicidade. Para funcionar, esse sistema precisa da cooperação ou omissão de agências de turismo, hotéis e motéis, postos de gasolina, casas de massagens, boates, taxistas, policiais e, sobretudo, das famílias, no caso da exploração de crianças e adolescentes.

Afinal, esse é o terceiro negócio ilícito mais rentável do planeta. Só perde para o tráfico de drogas e de armas. Segundo a ONU, toda essa máfia macula anualmente a infância de 2,5 milhões de menores latino-americanos. No Brasil, cerca de 120 mil crianças são aliciadas para esse submundo.

O descaso do poder público e a conivência das famílias dos menores explorados ficaram claros, por exemplo, na reportagem investigativa veiculada no programa *Conexão*

Repórter do dia 7 de junho de 2010. A produção do SBT, apresentada pelo jornalista Roberto Cabrini, mostrou o retrato da prostituição infantil na Ilha de Marajó, no Pará, e em Campina Grande, na Paraíba.

Foram quatro meses de investigação para levantar imagens chocantes de meninas de dez anos que fazem sexo em troca de víceras de boi. No caso da região amazônica, a miséria das populações ribeirinhas e o isolamento geográfico facilitam o crime. Em Campina Grande, a cem metros de um prédio da Polícia Federal, as câmeras do programa flagraram o aliciamento de menores.

Talvez, o mais lamentável de todo esse quadro é a negligência e anuidade das famílias. Na Ilha de Marajó, são as próprias mães que levam as filhas e filhos de barco até as balsas onde homens e mulheres pagam pelos serviços sexuais. Esse fato não é isolado. Segundo especialistas, a vida de exploração desses menores começa em casa, com abuso da parte dos pais ou de parentes e amigos próximos.

De braços abertos – Diante de um quadro tão devastador e socialmente complexo, o que poderia ser feito? A resposta seria um conjunto de ações, nos âmbitos da conscientização, prevenção e denúncia; da repressão policial e punição judicial; e do atendimento, acolhimento e reinserção social. Para tanto, é fundamental o esforço conjugado do governo, escolas, mídia, ONGs e igrejas.

Desde 2002, o papel da revista *Quebrando o Silêncio* e de todas as iniciativas ligadas à campanha promovida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia é atuar na prevenção como forma primária de combate a todo tipo de violência (www.quebrandoosilencio.org). O projeto também estimula a denúncia do abuso (Disque 100) e a busca de ajuda especializada.

Entretanto, os organizadores reconhecem que informação não resolve tudo. Por isso, entendem que as mais de 10 mil congregações adventistas espalhadas pelo Brasil podem servir como comunidades de acolhimento para as vítimas da exploração sexual (www.encontreumaigreja.com.br). No campo da reinserção social e geração de renda, a Igreja Adventista também dispõe de uma rede escolar com mais de 450 unidades no Brasil (www.educacaoadventista.org.br) e uma agência que presta ajuda humanitária e mantém projetos de desenvolvimento social (www.adra.org.br).

Enfrentamento – Em nível governamental, a Comissão Intersetorial para Enfrentamento à Violência ligada à Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República é a instância que reúne debaixo de um guarda-chuva organizações civis e representações dos três poderes. Criada em 2007, ela é responsável por formular e propor políticas públicas de enfrentamento a esse tipo de violência.

No campo do combate ao crime e recuperação das vítimas, algumas ONGs se destacam por um trabalho sério. Em Fortaleza, CE, a Associação Curumins (www.curumins.org.br) usa o esporte e a arte para resgatar a autoestima das vítimas e a identidade de quem foi abusado. Para participar do projeto, o pré-requisito é que o adolescente esteja na escola.

Outra frente de atuação no combate ao problema é conscientizar taxistas, bugueiros e profissionais da rede hoteleira de que a omissão e cumplicidade também são crimes. Esse é o trabalho da ONG Resposta (www.resposta.org.br), em Natal, RN. A entidade promove campanhas e palestras em hotéis, bares e restaurantes, sugere pautas para a mídia e pressiona o poder público.

Cuidado com os atalhos

No tráfico de pessoas, um subproduto do turismo sexual, as vítimas são aliciadas por agentes que parecem confiáveis, mas que se condenam por oferecer muitas facilidades. Portanto, não acredite em:

- 1 promessas milagrosas de emprego em outro Estado ou país;
- 2 propostas repentinas de sucesso como modelo no exterior;
- 3 mentiras sobre cursos profissionalizantes em cidades distantes;
- 4 promessas enganosas de casamento com homens ricos;
- 5 facilidades para “trabalhar” como garota de programa no exterior;
- 6 oferta de trabalho como empregada doméstica longe de casa.

Fonte: Polícia Federal



O projeto Jepiara, expressão em tupi-guarani que significa “defender-se”, também segue essa linha. Liderado pela ONG Movimento República de Emaús (www.movimentodeemaus.org), em Belém, PA, as ações contemplam desde o acolhimento de 180 adolescentes e crianças até cursos e fiscalização da rede hoteleira. O projeto é feito em parceria com a Associação Brasileira de Hotéis e tem o objetivo de levar os estabelecimentos a assumir compromisso com um termo de conduta que visa a coibir esse tipo de crime.

Quebre o silêncio – O trabalho digno de aplauso dessas ONGs e das instâncias governamentais que tratam o tema com a seriedade que ele merece, parece ser pouco diante de uma cadeia criminosa tão complexa. O problema é estrutural, porque se aproveita da vulnerabilidade social de milhares de menores e porque tem raízes culturais na nossa herança de dominação e na ilusão de que a suposta sensualidade natural brasileira seja um patrimônio nacional.

Diante de tamanho desafio, você pode ficar desanimado e pensar que sua ajuda não é importante para reverter esse quadro. Não se engane!

O fato de ter lido esse texto até aqui, de estar disposto a proteger sua família desse mal e de denunciar qualquer situação suspeita de exploração sexual já é um grande passo. O primeiro e o mais importante que você pode dar. ■

WENDEL LIMA é pastor e jornalista

REFERÊNCIAS

1. www.matriz.sipia.gov.br
2. <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O1828293-EI306,00-Brasil+faz+campanha+contra+exploracao+sexual.html>
3. Artigo “O turismo sexual e a comunicação – um olhar hermenêutico sobre as relações entre visitantes e visitadas”, em *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, julho de 2008, p. 84 a 112.
4. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/ministerio-do-turismo-notifica-sites-por-associar-o-brasil-ao-turismo-sexual.html>
5. O paraíso terreal não é cá, é lá: o turismo sexual em Salvador/BA (2011), tese de doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na UFBA.
6. <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/138/artigo157460-1.asp>

O preço do programa

A exploração sexual de crianças e adolescentes é considerada um crime contra a vida. Ainda que haja consentimento da vítima, o contato sexual é entendido como uma violação passível de dez anos de prisão. Comete o crime quem paga pelo serviço e quem intermedia ou facilita o encontro.

Fonte: Polícia Federal



A virgindade está fora de moda?



*Hoje,
o sexo é visto
como a
locomotiva
da existência*

Ao ler o título deste artigo, talvez você pergunte: Esse tema é pertinente para uma revista cuja principal preocupação é a questão do abuso? O abuso é definido como uma relação desigual de poder, na qual a pessoa que tem mais poder, seja físico ou psicológico, se vale dessa superioridade para subjugar alguém que se encontra em condição de inferioridade, para se aproveitar dele.

Como introdução, eu gostaria de propor que a problemática envolvida no debate sobre a castidade tem que ver não apenas com a pessoa que abusa de outra, mas com ela mesma, ou seja, com a forma pela qual ela trata seu corpo.

É possível falar de castidade em pleno século XXI, nesta sociedade

“evoluída”, na qual o sexo é endeu-sado como se fosse a “locomotiva” da existência, aceitando os postulados de Sigmund Freud, que afirma que a raiz de todas as nossas neuroses consiste na repressão sexual?

Atualmente, falar sobre virgindade ou castidade é algo considerado inadmissível e inaceitável na maioria dos círculos sociais em que vivemos. Entretanto, embora com suas hipocrisias, até algumas décadas atrás, antes da revolução sexual dos anos 60, a castidade era um valor defendido pela sociedade. Parecia, então, que se tratava de uma questão de paradigmas. Mas vale perguntar: Esse valor é uma questão de moda, de cunho cultural, negociável? Quem deve estabelecer os verdadeiros valores de uma

sociedade? Ciência, medicina, filosofia, psicologia, consenso social?

Para nós, cristãos, Deus – “fonte de toda a razão e justiça”¹ – é o árbitro final da realidade. Como Autor e Criador da vida, Ele sabe exatamente como devemos “funcionar” para sermos plenamente felizes, sem incorrer em condutas que nos prejudiquem física, psicológica ou moralmente. Deus revela Sua vontade infinitamente sábia nas Escrituras Sagradas, a Santa Bíblia.

Num texto de rara beleza poética e espiritual, o salmista Davi disse: “Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu Te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isto com convicção. [...] Os Teus olhos viram o meu embrião; todos

os dias determinados para mim foram escritos no Teu livro, antes de qualquer deles existir” (Salmo 139:13, 14, 16).

Em outras palavras, as Escrituras Sagradas nos ensinam que Deus nos criou de acordo com um “*design* inteligente”, de acordo com um plano nascido em Sua sabedoria e amor infinitos. Toda pessoa que se aproxima desse plano se apropria da verdadeira felicidade; quem se distancia dele, caminha para a dor e o sofrimento.

O plano de Deus para a sexualidade é descrito resumidamente na sentença que aparece no início da história humana, no Éden: “Por essa razão, o homem, deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24, NVI).

No plano de Deus, as relações sexuais são símbolo, veículo e corolário da união de duas vidas que se amam e que, por se amar tanto, desejam “unir-se” como seres totais (espírito, alma e corpo), numa relação de amor e compromisso mútuo, para sempre. Nesse sentido, quando Jesus Cristo foi interrogado sobre a questão do divórcio (separação dolorosa que ocorre entre duas pessoas), Ele recorreu a essa passagem de Gênesis como modelo do plano de Deus para as relações amorosas, afirmando o seguinte: “Vocês não leram que, no princípio, o Criador ‘os fez homem e mulher’ e disse: ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’? [...] Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (Mateus 19:4-6, NVI).

Ou seja, na união sexual legítima, há tanta intimidade, tanto apego à pessoa amada, tanta fusão de duas vidas, que, para Deus, elas “não são duas pessoas”, mas uma entidade amorosa, que só pode ser dissolvida ao preço de intensa dor emocional e espiritual. Para evitar esse sofrimento, Jesus ordenou: “O que Deus uniu não o separe o homem.”²

Nesse sentido, o valor da virgindade ou da castidade corresponde ao plano divino de proteger o ser humano das dores psíquicas, emocionais e morais que levam à banalização das relações sexuais, tão comum em nossa época de promiscuidade, própria da era pós-moderna, em que impera o consumismo, não só de coisas (o que se pode conseguir num shopping), mas também de pessoas.

O lema parece ser este: “Use e descarte.” As pessoas também passaram a ser “desejadas”. Uma coisa é ter um “encontro sexual” e outra coisa é ter uma “união sexual”. Uma coisa é compartilhar a cama ou colocar-se na cama do outro, e outra coisa é compartilhar a vida e colocar-se na vida do outro, com todo amor, com toda preocupação, união e compromisso que isso envolve. Uma coisa é fazer sexo como fruto de uma relação espiritual profunda, compartilhando o conjunto de sonhos da vida, e outra coisa é estar de visita na vida de alguém, compartilhando um encontro sexual esporádico, sem compromisso.

O grande psicólogo e pensador Viktor Frankl, médico psiquiatra e neurologista, oferece a seguinte perspectiva sobre esse assunto, partindo da observação e reflexão psicológicas, ao retratar o que ele denomina de “desumanização do sexo”:

■ Não se pode falar de sexo humano sem que ele seja feito com amor. Quando falamos de amor, precisamos nos lembrar de que se trata de um fenômeno exclusivamente humano. Sendo assim, devemos preservar sua qualidade especificamente humana e não abordá-lo de modo reducionista [...]. O encontro amoroso [...] exclui o uso de outro ser humano como meio de alcançar um fim, como instrumento utilizado para reduzir tensões criadas por impulsos ou instintos libidinosos

ou agressivos. Isso equivale à masturbação. De fato, é assim que muitos de nossos pacientes sexualmente neuróticos falam sobre o modo de tratar seus parceiros. Com frequência, afirmam que ‘se masturbam em seus parceiros’. Tal atitude constitui uma distorção especificamente neurótica da sexualidade.

■ A sexualidade é mais que mero sexo, à medida que serve como expressão física de algo metassexual: é a expressão física do amor. Quando o sexo cumpre essa função, constitui-se numa experiência autenticamente enriquecedora. Maslow (1964) tinha razão ao dizer: ‘As pessoas que não conseguem amar não obtêm o mesmo tipo de emoção que as pessoas que se amam’. Segundo a opinião de vinte mil leitores de uma revista americana de psicologia que responderam a uma série de perguntas, o fator que mais intensifica a potência e o orgasmo é



o romantismo, ou seja, algo intimamente ligado ao amor [...].

■ Só um indivíduo neurótico se interessa, acima de tudo, em descarregar seu esperma, quer por meio da masturbação, quer utilizando seu parceiro como meio de alcançar o mesmo fim. Para uma pessoa madura, o parceiro não é 'objeto', mas uma pessoa, um ser humano, a quem ele ou ela dá valor, levando em conta suas qualidades; e se realmente o ama, considera o parceiro como pessoa única e exclusiva em sua essência. [...] Entende-se que, quando alguém consegue captar a essência pessoal de um ser amado, dá lugar a uma relação monogâmica. A pessoa amada já não é intercambiável. Porém, quando uma pessoa não é capaz de amar, ela se envolve na promiscuidade.

■ Isso implica ignorar a essência do outro, excluindo a relação de amor. Uma vez que só a sexualidade fundamentada no amor pode ser realmente gratificante e satisfatória, é pobre a qualidade de vida sexual de um indivíduo que ignora a essência do outro. Portanto, não é de assombrar que ele tente compensar a ausência de qualidade por meio da quantidade. Isso, por sua vez, exige estimulação incrementada e intensificada, como sugere a pornografia.

■ Conclui-se claramente de tudo isso que não se justifica exaltar fenômenos de massa como a promiscuidade e a pornografia, ou considerá-los progressistas. São regressivos, sintomas de atraso no amadurecimento sexual.³

Quando há saúde mental e moral, uma se impregna da outra; existe uma tendência muito forte de "fusão", a união de duas pessoas, e não somente de corpos, levando ao desejo de unir e comprometer a vida para sempre com o ser amado, cujo selo é a união matrimonial. Quando não existe essa saúde mental e espiritual, é até possível penetrar no corpo do outro, mas sem sentir apego, sem considerá-lo um ser desejável. Trata-se de uma sexualidade não somente imoral, mas também neurótica e patológica, segundo Viktor Frankl.

Ao longo das Escrituras Sagradas, prescreve-se a abstinência de relações pré-matrimoniais, reservando a prática das relações sexuais para o estado de matrimônio, no qual essas relações adquirem o significado de duas vidas unidas em compartilhar toda a existência, com suas alegrias e suas lutas. Portanto, as relações íntimas, longe de estar vazias de conteúdo, como no

caso da promiscuidade, representam e completam a união de duas vidas em um projeto comum, maravilhoso: a família, o bem mais valioso que Deus nos pode dar neste mundo.

Para evitar que outros abusem de você (mesmo que seja no sentido psicológico e moral) e de seu corpo, descrito pelo apóstolo Paulo como "templo do Espírito Santo" (1 Coríntios 6:19) e, acima de tudo, para que você não abuse de si mesmo, faltando com o respeito próprio, como pessoa digna de ser realmente amada por alguém que deseja compartilhar a vida e comprometer-se com você, siga o seguinte conselho divino:

"A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual. Cada um saiba controlar o seu próprio corpo de maneira santa e honrosa, não dominado pela paixão de desejos desenfreados, como os pagãos que desconhecem a Deus" (1 Tessalonicenses 4:3-5, NVI). ■

.....
PABLO M. CLAVERIE, argentino, é revisor e editor

REFERÊNCIAS

1. Trecho do "Preâmbulo da Constituição Nacional Argentina".
2. Há casos extremos que aconselham a dissolução do vínculo conjugal, mas nestas palavras nosso Senhor Jesus Cristo nos apresenta (Mateus 19:4-6) a seriedade e santidade com as quais se deve considerar a união matrimonial.
3. Viktor E. Frankl, *Psicoterapia y humanismo* (México: Fondo de Cultura Económica, 2003), p. 87-90.



Sexo original

A sexualidade humana pode ser uma fonte de grande felicidade quando é desfrutada do jeito certo



Em todas as épocas, o desejo, o sexo e o prazer caracterizaram amplos segmentos da sociedade. Mas parece que, no início de século 21, eles ganharam um espaço privilegiado. Das propagandas às novelas, dos livros aos filmes, das ruas às câmaras legislativas, o sexo tornou-se a marca de uma sociedade erotizada, frívola e promíscua. O sucesso inesperado de *Cinquenta Tons de Cinza*, o primeiro volume de uma trilogia que vendeu mais de 70 milhões de exemplares, está aí para confirmar. Seria coincidência que, em 2012, a revista *Time* considerou E. L. James, a autora dessa obra, uma das cem pessoas mais influentes do mundo? (Não se preocupe: não li o livro.)

Os deuses da mitologia greco-romana ligados ao prazer, como Eros/Cupido (deus do amor) e Afrodite/Vênus (deusa do amor, da beleza e da sexualidade), ficaram no passado, mas seu espírito continua vivo. Por falar nisso, nem sempre nos lembramos de que os mitológicos Eros e Psiquê tiveram tri-

gêneos (Eros II, Volúpia e Volúptas), e os “descendentes” deles vêm multiplicando-se ao longo da história.

Desordens – Com tanta fixação em sexo, os problemas nessa área são muitos e variados. De acordo com a obra *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, da Associação Psiquiátrica Americana, as desordens sexuais estão divididas em três grupos: (1) *disfunções sexuais*, caracterizadas por inibições do desejo sexual ou problemas que afetam a resposta ao ciclo sexual; (2) *parafilias*, que incluem excitação fora do padrão normal e que interferem na capacidade de desenvolver uma atividade sexual recíproca e afetiva; e (3) *desordens da identidade sexual*, marcadas pela identificação contínua e distinta com o sexo oposto e o desconforto com o próprio sexo.

Parafilia, palavra bastante usada pelos especialistas, é o nome dado à obsessão por práticas sexuais não aceitas socialmente. O *Novo Dicionário*

rio Aurélio a define como “cada um de um grupo de distúrbios psicosssexuais em que o indivíduo sente necessidade imediata, repetida e imperiosa de ter atividades sexuais, em que se incluem, por vezes, fantasias com objeto não humano, autossufrimento ou auto-humilhação, ou sofrimento ou humilhação, consentidos ou não, de parceiro”. Entre os exemplos dados pelo dicionário estão o exibicionismo, o fetichismo, a pedofilia, o masoquismo, o sadismo e o voyeurismo.

Esses desvios não são novos. Num artigo intitulado “References to the paraphilias and sexual crimes in the Bible”, publicado no *Journal of Forensic and Legal Medicine*, Anil Aggrawal comenta que os crimes sexuais, parafilias e comportamentos sexuais anormais mencionados na Bíblia incluem adultério, incesto, abuso sexual, assalto sexual facilitado por drogas (caso de Ló), estupro (individual ou em grupo), homossexualidade, travestismo, voyeurismo, bestialidade, exibicionismo e necrofilia.



Padrão ético – Diante desse catálogo nada elogiável, é claro que a Bíblia se posiciona com firmeza. A fim de reforçar a gravidade de alguns desses pecados ou crimes sexuais, a pena prescrita era a morte. Porém, será que a ética sexual apresentada no livro sagrado dos judeus e cristãos ainda tem aplicação no mundo pós-moderno?

Para Michael Coogan, autor de *God and Sex* (Twelve, 2010) e professor na Universidade Harvard, a Bíblia foi escrita para pessoas com outra mentalidade, num contexto muito diferente do nosso. É um universo à parte. Assim, não podemos “americanizar” ou “abrasileirar” sua mensagem. Certas sensibilidades que temos hoje não existiam na época. A verdade não é bem essa. Apesar das diferenças, a moralidade sexual da nossa sociedade judaico-cristã ainda é regida pelos códigos bíblicos.

A Bíblia retrata o ideal de Deus para a sexualidade do ser humano em termos elevados. O sexo deve ser visto como um presente divino, um ato a ser praticado com amor e mantido em estado de pureza. A base para entender o projeto divino para a sexualidade humana está bem no começo da Bíblia. Em Gênesis 1 a 3, ao descrever a criação do mundo, o autor informa que Deus fez o homem e a mulher como pessoas complementares e os colocou num jardim para desfrutarem a felicidade juntos. O sexo é o clímax da intimidade entre o casal. O sexo é bom porque faz bem e por-

que o Deus que o criou é bom. Considerando que o homem e a mulher foram criados à “imagem de Deus”, seu referencial é o próprio Criador.

Esse ponto de partida provê a chave para interpretar o restante da Bíblia no que diz respeito ao sexo. No livro *Flame of Yahweh* (Hendrickson, 2007), Richard M. Davidson discute a sexualidade no Antigo Testamento por uma perspectiva “holística” e reforça a ideia de que o início do Gênesis contém o fundamento para entender a sexualidade humana.

Para o teólogo, tal fundamento consiste em dez aspectos: (1) existe diferença sexual entre o homem e a mulher, que se completam; (2) as pessoas foram criadas para ter um relacionamento heterossexual; (3) o ideal para a felicidade do casal é a união com apenas uma pessoa, ou seja, a monogamia; (4) há uma igualdade entre os sexos; (5) o sexo entre homem e mulher proporciona uma experiência holística; (6) o casamento é um relacionamento exclusivo; (7) a união entre o casal deve ser vitalícia; (8) o casamento é o “fórum” ideal para a intimidade; (9) a procriação faz parte do plano divino para o casal; e (10) o sexo é algo bom.

O plano original do Criador, diz Davidson, era que o casamento fosse um relacionamento heterossexual, monogâmico e igualitário entre um homem e uma mulher. Com a queda do primeiro casal em pecado, houve uma ruptura na igualdade entre os

sexos, e o homem passou a assumir uma liderança patriarcal. No entanto, o ideal é que haja um retorno ao relacionamento de igualdade.

Sexo saudável envolve compromisso e valorização do parceiro, sob a bênção de Deus. É conhecimento num nível misterioso e profundo. Sexo que visa apenas ao prazer despersonaliza o outro e não tem o poder de criar conexão e intimidade.

Melhor que o vinho – Em algumas culturas da época do antigo Israel, conforme lembra o autor, o sexo era sacralizado e divinizado como parte do ritual de culto. Reagindo fortemente a essas práticas imorais, Deus rejeita uma teologia distorcida da sexualidade, condenando o sexo sagrado e os festivais de fertilidade. Para Deus, o sexo é algo santo demais para ser usado de qualquer maneira. A questão não é apenas moralizar o sexo por moralizar, mas indicar que ele pode ser criativo e prazeroso ou doloroso e destrutivo.

No Antigo Testamento, a regulamentação sobre o sexo aparece em livros como Levítico (18) e Deuteronômio (22:13-30). Provérbios também apresenta vários conselhos sobre a expressão sexual. E Cantares, o maior de todos os cânticos de Salomão, interpretado no passado como uma alegoria, celebra o amor entre o rei e uma moça chamada Sulamita (forma feminina do nome de Salomão). A intimidade física, emocional e intelectual permeia Cantares.

Nesse livro poético, o amor é descrito como melhor que o vinho, símbolo da alegria. Usando imagens sugestivas, o autor mostra que o amor autêntico causa sensações maravilhosas, valoriza a pessoa amada, evita pequenos atos que possam danificar o relacionamento (as “raposinhas que estragam as vinhas”) e assume um compromisso

para sempre. Davidson, ecoando uma afirmação do rabino Akiva (c. 50-135 d.C.) e fazendo uma referência a um dos compartimentos do antigo santuário israelita, chama Cantares de “o santo dos santos da sexualidade humana”. Por sinal, o título do livro do teólogo, *Flame of Yahweh*, é tirado de Cantares 8:6, onde é dito que as brasas do amor “são fogo ardente, são labaredas do Senhor”.

No Novo Testamento, continua o alto padrão da ética sexual. O apóstolo Paulo é o campeão dos defensores de uma vida pura. Em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, uma cidade caracterizada pela licenciosidade, ele escreveu: “Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo. Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?” (1 Coríntios 6:18, 19). Ao dizer que os cristãos eram o “santuário” de Deus, ele usou uma palavra que descrevia a parte mais íntima e sagrada do templo, o santo dos santos. Isso indica o alto conceito que o apóstolo atribuía ao corpo humano.

Do ponto de vista bíblico, portanto, o sexo deve ser praticado e desfrutado com amor, carinho, respeito, exclusividade, responsabilidade e prazer. Nos tempos bíblicos, o amor romântico era menos importante do que a segurança financeira. Os casamentos eram arranjados com base nos interesses familiares. A mulher era vista como uma propriedade. Contudo, mesmo nesse ambiente, o amor é valorizado nos escritos sagrados. Naturalmente, a Bíblia foi escrita num contexto pré-feminista, mas sua mensagem clara é que a mulher deve ser tratada com dignidade.

Sem obsessão – Em contraste com a moderna obsessão por sexo, a Bíblia o valoriza na medida certa. Sexo é bom, mas não é tudo. Ele não é um fim em si mesmo, nem deve ser buscado a qualquer preço. É uma experiência maravilhosa que deve fazer parte de um relacionamento de amor, num clima de intimidade e felicidade. Sexo não é um acidente da

biologia, mas uma fonte de prazer idealizada por Deus para alegrar e reproduzir a vida. Ele tem sentido pleno quando ajuda a dar sentido à existência. Por isso, deve ser praticado dentro das fronteiras originais, para que não machuque os envolvidos nem deixe vítimas caídas pelas estradas da vida.

Em nossa sociedade fragmentada, em que os padrões éticos estão sendo desconstruídos a cada dia, é fundamental olhar novamente para a beleza da sexualidade e seguir os ideais divinos. O desejo sexual é bom se estiver controlado por neurônios cheios de afeto. Nas palavras de Jesus, são os “puros de coração” que verão a Deus. A felicidade não está num encontro casual, muito menos na violência em busca de sensação. A atração sexual não pode ter tons de cinza. Para causar prazer, e não dor, o sexo precisa seguir o padrão original, com todas as cores do amor. ■

.....
MARCOS DE BENEDICTO é teólogo, jornalista e editor



Sinais que identificam vítimas de violência

Pais e educadores precisam estar atentos aos sinais de maus-tratos

Anna Salter afirmou: “O silêncio é a alma das agressões sexuais.” E a causa do silêncio é o medo. Por isso, tanto vítimas quanto a maioria das testemunhas se calam.

Contudo, existe um valioso recurso que ajuda a minimizar as consequências da omissão: sinais e sintomas de maus-tratos. Alguns sinais devem ser vistos como indício ou pista para investigação mais profunda. Já outros podem ser prova convincente de atos de violência.

Com o propósito de incentivar pais e pessoas responsáveis a buscar orientação e ajuda, apresentamos, a seguir, uma lista de sinais e sintomas, especialmente em crianças e adolescentes.

Crianças podem demorar a entender que são vítimas de abuso sexual

1 Sinais que denunciam a existência de violência sexual:

- Mudança comportamental na escola ou no contexto familiar.
- Diminuição do rendimento escolar.
- Recusa ou medo de ficar sozinho com um adulto.
- Perturbações do sono.
- Problemas com os esfíncteres.
- Depressão, ansiedade, afastamento, apatia ou indiferença.
- Automutilação.
- Fuga.
- Problemas com álcool ou drogas.
- Em nível físico, irritações na boca, vagina ou ânus.

Fonte: Cristina Camões em psicologia.com.pt

2 Sinais de violência doméstica e sexual em crianças e adolescentes:

- Mudanças bruscas, aparentemente inexplicáveis, de comportamento da criança/adolescente.
- Mudanças súbitas de humor, comportamentos regressivos e/ou agressivos, sonolência excessiva, perda ou excesso de apetite.
- Baixa autoestima, insegurança, comportamentos sexuais inadequados para a idade, busca de isolamento.
- Lesões, hematomas e outros machucados sem explicação clara.
- Gravidez precoce.
- Doenças sexualmente transmissíveis.
- Fugas de casa e evasão escolar.
- Medo de adultos estranhos, de escuro, de ficar sozinho e de ser deixado próximo ao potencial agressor.

Fonte: childwood.org.br/como-agir



Comportamento da criança:

- 1 Teme exageradamente os pais.
- 2 Tem baixa autoestima.
- 3 Falta constantemente à escola, devido ao período de convalescença e processo de cicatrização dos maus-tratos sofridos.
- 4 Geralmente, é uma criança nervosa e em constante estado de alerta.
- 5 Possui baixo aproveitamento escolar.
- 6 Procura ocultar as lesões sofridas por temer represálias por parte do agressor.
- 7 Pode desenvolver comportamento extremamente agressivo com outras crianças, reproduzindo a violência experimentada no ambiente doméstico.
- 8 Pode tornar-se depressiva, isolada e muito triste.
- 9 Foge constantemente ou busca ficar o maior tempo possível longe de casa. Quase sem exceção, crianças e adolescentes de rua possuem histórico de violência doméstica.
- 10 Quando submetida a exame médico, manifesta indiferença, apatia ou tristeza.
- 11 Choro insistente e sem explicação de crianças de tenra idade à aproximação do pai, mãe, babá ou outro cuidador. ■

Fonte: <http://4dejunho.blogspot.com.br/2008/05/violencia-fisica-estatisticas-fonte-cecovi.html>





Caminho da RECUPERAÇÃO

Suba o primeiro degrau da fé. Você não precisa ver toda a escadaria antes de subir o primeiro degrau (Martin Luther King)

O caminho da superação para as vítimas de estupro é doloroso, pois esse tipo de violência é considerado tortura, uma das mais graves formas de abuso.

O estupro desumaniza as pessoas, choca a comunidade e deixa cicatrizes emocionais que podem durar pelo resto da vida, se não houver uma iniciativa eficaz.

O *Manual de Prevenção do Abuso Sexual*, publicado pelo *Save the Children* (Salvem as Crianças), menciona várias consequências desse tipo de violência, entre as quais estão as seguintes:

Consequências a curto prazo

Físicas: pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábitos alimentares, perda do controle de esfínteres.

Comportamentais: consumo de drogas e álcool, fugas, conduta suicida ou de autoflagelo, hiperatividade, diminuição de rendimento escolar.

Emocionais: medo generalizado, agressividade, culpa e vergonha, isolamento, ansiedade, depressão, baixa autoestima, rejeição ao próprio corpo.

Sexuais: conhecimento sexual precoce e impróprio para a idade, masturbação compulsiva, exibicionismo, problemas de identidade sexual.

Sociais: déficit em habilidades sociais, retração social, comportamentos antissociais.

Consequências a longo prazo

Físicas: dores crônicas gerais, hipocondria ou transtornos psicossomáticos, alterações do sono e pesadelos constantes, problemas gastrointestinais, desordem alimentar.

Comportamentais: tentativa de suicídio, consumo de drogas e de álcool, transtorno de identidade.

Emocionais: depressão, ansiedade, baixa autoestima, dificuldade para expressar sentimentos.

Sexuais: fobias sexuais, disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, maior probabilidade de sofrer estupro e de entrar para a prostituição, dificuldade de estabelecer relações sexuais.

Sociais: problemas de relacionamento interpessoal, isolamento, dificuldade de vínculo afetivo com os filhos.

Como se vê, o estupro é crime violento, com implicações médicas, psicológicas, legais e sociais.

Nancy Clark e Catherine Kroeger afirmam que “a jornada rumo à esperança e à cura é longa e árdua” (*Refúgio Contra o Abuso* [CPAD: Rio de Janeiro, 2006]), p. 9. Portanto, os que decidem percorrer essa estrada são considerados sobreviventes.

Telma* se acha entre aqueles que lutam contra a sombra do passado. Com 16 anos de idade, tem uma história que ela e os pais jamais gostariam de lembrar. Estuprada por um tio aos 9 anos, seu sentimento de pureza e dignidade foi destruído abruptamente. Timidez, isolamento, desinteresse por brinquedos e estudos foram as primeiras consequências. Além disso, ela passou a ter pesadelos que a deixaram assustada e insone por alguns anos.

Quando os pais perceberam essas mudanças de comportamento, começaram a agir. Inicialmente, a filha não queria falar sobre o problema. Mas, algum tempo depois, ela revelou que tinha agido desse modo com medo de que o tio cumprisse o que havia prometido: represálias.

Felizmente, o agressor se mudou para um lugar distante, e isso foi bom para que a vítima ficasse menos tensa. Contudo, o que mais tem contribuído para a recuperação da garota é o amor dos pais e o apoio da comunidade. De fato, o papel da família é essencial na recuperação física e emocional das vítimas de abuso.

Os pais e um conselheiro ajudaram Telma a dar os três passos sugeridos por Clark e Kroeger (ibid., p. 111-116):

1. Ouse sonhar. A vítima não tinha condições de reagir por si mesma. Por isso, jamais conseguiria olhar com esperança para o futuro. Mas, com o auxílio dos pais e as orientações do conselheiro, ela vislumbrou a possibilidade da cura.

2. Fale. Nessas horas, os ouvidos dos pais e conselheiros têm que ser maiores que a boca. Por quê? Porque a vítima precisa falar, mas nem sempre está disposta a fazê-lo. Com o tempo, Telma abriu gradativamente o coração e revelou seus temores e ansiedades, o que contribuiu muito para que se desenvolvesse um clima de confiança.

3. Aceite ajuda. A princípio, Telma achou que não tivesse força para sair do poço em que se encontrava. Sua autoestima estava lá embaixo também. A essa altura, o conselheiro falou

Muitas pessoas se mostram capazes de se superar – e se superam – até mesmo dos abusos mais extremos, auxiliadas pelo apoio da família e dos amigos, pelo uso de terapias especificamente adaptadas à sua situação e desfrutando de privacidade, segurança e tempo para digerir e aceitar gradativamente a experiência vivida.

Erica Goode, The New York Times, 9 de maio de 2013.

sobre os talentos da garota, dizendo que, se eles não fossem cultivados, uma vida preciosa ficaria no esquecimento. Ele citou exemplos de superação e tocou em dois pontos indispensáveis: acreditar no valor próprio e superar a raiva e o ressentimento. Esse processo durou quase cinco anos. A autoestima ressurgiu das cinzas e os sentimentos de raiva foram sepultados.

Hoje, Telma participa regularmente nas atividades da igreja de sua confissão religiosa. A timidez deu lugar à segurança, que está crescendo a cada dia. O isolamento deu lugar à interação com amigos. Acima de tudo, não falta amor nem compreensão no ambiente de sua família. ■

RUBENS LESSA é conselheiro espiritual e jornalista

* Nome fictício.

Dicas para superação

- Não se culpe pelo que aconteceu.
- Não tente aliviar a dor do abuso sofrido através de meios como: álcool, drogas, comer compulsivamente, automutilação.
- Desenvolva atividades criativas: música, pintura, escultura; e não esqueça seu lado espiritual, seu verdadeiro ser.
- Cuide de si mesmo com carinho, olhe no espelho com a cabeça erguida, pois você é forte e pode vencer; não merece sofrer por causa do erro de outro ser humano.
- Se você for mulher, arrume-se, vista sua melhor roupa, use perfumes; não se esqueça de que você merece ser feliz e não deve se esconder dentro de uma casca feia.
- Tire proveito das coisas boas da vida, mesmo que seja pelo ensinamento do que passou.
- Lembre-se de que o fato de você estar vivo(a) é uma dádiva divina, visto que morrem muitas vítimas de violência sexual.
- Denuncie, pois isso ajudará você a sentir que fez o que devia fazer. Isso alivia a culpa de pensar que deixou seu agressor livre para abusar de outras pessoas ou voltar a atacar você.
- Procure ajuda de amigos, familiares, professores, instituições, comunidades, blogs. Muitas vezes, uma conversa pode mudar completamente sua vida.
- Evite situações, pessoas e objetos que lembrem o que aconteceu. Lembranças são inevitáveis, mas o que as torna construtivas ou destrutivas é sua atitude diante de fatos passados.
- Prepare-se para ajudar outras pessoas, seja voluntário(a) em asilos, casas de crianças, orfanatos e outras instituições que precisam de trabalho voluntário.
- Leia livros que falem de fé e esperança.

Fonte: <http://ongsuperandoabusos.blogspot.com.br>

Presenteie
seu filho

com a turminha
mais divertida e
educativa do Brasil

Douglas Assunção / Ilustrações: Andre e Lobo



ASSINE HOJE
Nosso Amiguinho e
Nosso Amiguinho Jr.

A revista *Nosso Amiguinho* é publicada mensalmente há mais de 60 anos. Ela contribui para a formação do caráter das crianças e para o desenvolvimento cultural, físico e social.

Apresenta histórias, curiosidades, passatempos, atividades de recortar e armar e muito mais. Exercícios que ajudam as crianças no aprendizado e aumentam o interesse delas pela leitura.

Você pode assinar a revista *Nosso Amiguinho Jr.* para crianças até seis anos ou *Nosso Amiguinho* para crianças acima dessa idade.

Não perca tempo! Apresente ainda hoje esta turma para seu filho!



Para assinar as revistas,
ligue **0800-9790606***,
acesse **www.cpb.com.br**
ou visite uma CPB livraria.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h



Disque-Denúncia



Disque 190

Há casos em que a ação deve ser imediata. Chame a polícia, antes que o pior aconteça.

Disque 180

Central de Atendimento à Mulher

Delegacia da Mulher

Ligue para o telefone mais próximo de sua residência.

Sites Úteis

www.safernet.org.br
www.denunciar.org.br
www.promenino.org.br
www.observatoriodainfancia.com.br
www.unicef.org.br
www.cecria.org.br

www.bemquerermulher.com.br
www.enditnow.org.br
www.quebrandoosilencio.org
www.obrasileirinho.com.br
www.abcdasaude.com.br
www.obscriancaeadolescente.gov.br

A exploração sexual de crianças e adolescentes degrada o ser humano e estimula a violência.

Outro fato preocupante, além da violência doméstica, é o vício da pornografia, que começa com o descuido e a curiosidade e vai se aprofundando, até que a pessoa se dá conta de estar escravizada pelo hábito destrutivo.



A revista **Quebrando o Silêncio** é mais do que um grito de alerta contra tudo isso: é fonte de ajuda para as vítimas de abuso e uma cartilha cheia de orientações para os que desejam participar da campanha de combate à violência.

Acesse: www.quebrandoosilencio.org